

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO  
CURSO DE HISTÓRIA**

**ESTÉFANO ALVES**

**NAZIFICAÇÃO DA ELITE HAMBURGUENSE:  
A presença da ideologia nazista na cidade de Novo Hamburgo na década de  
1930.**

**São Leopoldo  
2019**

ESTÉFANO ALVES

**NAZIFICAÇÃO DA ELITE HAMBURGUENSE:**

**A presença da ideologia nazista na cidade de Novo Hamburgo na década de 1930.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História, pelo Curso de Licenciatura em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Sirlei Teresinha Gedoz

São Leopoldo

2019

Àquela que possibilitou a realização da minha  
pesquisa acadêmica: Maria Medianeira do  
Nascimento Alves.

## **AGRADECIMENTOS**

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso aos seguintes:

Minha família: mãe (Maria), pai (Roberto), irmã (Ana Paula), tios e tias e todos aqueles com quem desejo compartilhar meu sucesso.

Meus colegas/amigos de universidade: Douglas Farias, Márcio de Mattos Rodrigues, Raquel Chagas Machado e tantos outros com quem compartilhei pensamentos e argumentações que estão presentes aqui.

Aos professores que possibilitaram o desenvolvimento desse trabalho: Maíra Ines Vendrame e Sirlei Teresinha Gedoz, e todos os outros que fizeram parte da minha caminhada acadêmica.

Família que, deu o suporte emocional – e financeiro – quando necessário. Aos amigos que, contribuíram, seja com livros e material bibliográfico, ou com longas e acaloradas discussões, dos mais variados assuntos, pertinentes a esse projeto. E, por fim, mas não menos importante, os professores. Todos os que, de alguma forma, contribuíram para a finalização desse projeto, com seus conhecimentos e métodos de ensino e pesquisa, aos poucos, foram modelando minha forma de pensar, agir e pesquisar.

“A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado.”

Marc Bloch

## RESUMO

A nazificação da elite do município de Novo Hamburgo é um processo que ocorreu durante os anos 1930, paralelo a ascensão do movimento nacional-socialista na Alemanha. Uma dinâmica, todavia, completamente diferente do que estava acontecendo na Europa. Uma operação que cooptava entusiastas nacionalistas teuto-brasileiros, residentes no município recém-criado, em 05 de abril de 1927. A atividade, exposta por autoridades policiais do estado, indicaram um grande número de comunicações entre as lideranças regionais do *NSDAP Ortsgruppe Hamburg*, nome da célula hamburguesa do Partido Nazista, e as autoridades consulares, em Porto Alegre, e da embaixada alemã no Rio de Janeiro. Fontes que revelam a presença de figuras proeminentes da política municipal como integrantes do movimento nazista em Novo Hamburgo. Na análise deste contexto histórico, o papel da imprensa local, evidenciada pelo semanário *O 5 de Abril*, que tornou públicos, a grande maioria dos eventos do partido em associações, escolas e cineteatros da cidade. Um veículo de propagação das ideias discutidas e ações realizadas, no sentido de manter vivo um sentimento nacionalista alemão. O semanário e o relatório/livro de Py, são as fontes centrais que subsidiam a problematização principal do trabalho: o processo de adoção da ideologia nazista por alguns hamburgueses.

**Palavras-chave:** Nazificação local. Ortsgruppe Hamburg. O 5 de Abril. Teuto-brasileiros. Propagação ideológica.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>2 RECURSOS TEÓRICOS</b> .....	<b>10</b>
2.1 O conceito de <i>Deutschtum</i> .....	10
2.2 Nacionalismo alemão e sua influência no sul do Brasil .....	13
2.3 Definição de Pangermanismo .....	16
2.4 O programa nacional-socialista da Alemanha para o mundo .....	18
<b>3 NOS PRIMÓRDIOS CIDADINOS: A EMANCIPAÇÃO DE NOVO HAMBURGO</b> ..	<b>24</b>
3.1 Contexto histórico regional, nacional e internacional .....	24
3.2 A emancipação distrital: o decreto de ouro .....	26
3.3 Formação cultural germânica em sociedades e clubes .....	29
3.3.1 Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo .....	29
3.3.2 Grêmio Atiradores de Novo Hamburgo .....	30
3.3.3 Comunidade Evangélica de Novo Hamburgo .....	31
<b>4 ATIVIDADE NACIONAL-SOCIALISTA EM NOVO HAMBURGO</b> .....	<b>33</b>
4.1 Definição do processo de nazificação na Alemanha .....	33
4.2 Nazificação desenvolvida nos territórios teuto-brasileiros: .....	37
4.3 O início das atividades e o papel da Imprensa local .....	40
4.4 Aprofundamento do nacional-socialismo entre os adeptos .....	42
4.5 Visão das autoridades sobre a presença de partidários em Novo Hamburgo .....	46
<b>5 CAMPANHA DE NACIONALIZAÇÃO VARGUISTA: O FIM DO NAZISMO EM NOVO HAMBURGO</b> .....	<b>49</b>
5.1 Contexto histórico brasileiro nos anos 1930 .....	49
5.2 O golpe de 10 de novembro de 1937: a criação do Estado Novo .....	52
5.3 O Estado Novo em território hamburguense .....	53
5.3.1 A campanha de Nacionalização .....	55
5.3.1.1 Na política .....	55
5.3.1.2 Na educação .....	56
5.3.2 A eclosão da Segunda Guerra Mundial .....	62
<b>6 CONCLUSÃO</b> .....	<b>66</b>
<b>FONTES DOCUMENTAIS</b> .....	<b>69</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>70</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Eric Hobsbawm acreditava que o século XX trouxe um inegável legado de impasses e questões. Uma verdadeira "Era dos Extremos", recheada de incertezas e catástrofes, provocando o desmoronamento da sociedade ocidental construída até então. Uma crise política, que leva à Europa para a Primeira Guerra Mundial, postergada por uma crise econômica dimensões sem precedentes põe "[...] de joelhos até mesmo as economias capitalistas mais fortes e pareceu reverter a criação de uma economia mundial única, [...]" (Hobsbawm, 2017, p. 16).

Essa contextualização, traz à tona a principal caracterização histórica do século XX: o desaparecimento e/ou constante atentado contra a democracia liberal, no mundo inteiro. Neste momento conturbado é que as condições ficam altamente favoráveis para a ascensão dos movimentos totalitários nazifascistas na Europa. Algo que surtiu efeito por todo mundo, inclusive no Brasil. Mais especificamente, no município de Novo Hamburgo, recém-emancipado de São Leopoldo à 05 de abril de 1927.

A definição de comunidade teuto-brasileira, instalada no atual município de Novo Hamburgo, passa por uma série de interpretações e discussões historiográficas sobre a caracterização desses indivíduos, enquanto sociedade "paralela", ao conceito de nacionalidade desenvolvidos no Brasil, desde o fim da monarquia. Baseado na pequena propriedade familiar, as regiões de colonização alemã conseguiram um bom desenvolvimento. (Seyferth, 1993)

Contudo, constatou-se um problema, reconhecido principalmente durante a Primeira República no Brasil, que seria a formação dessas comunidades étnicas, que não recebem um trato de assimilação cultural, ou seja, um elemento de discórdia, que segundo Seyferth (1993), se constrói em relação ao nacionalismo formulado no início do período republicano, e nas suas consequências das dificuldades de assimilação desses alemães e de seus respectivos descendentes, diante da afirmação de uma identidade étnica teuto-brasileira, que buscava a sua legitimidade no conceito de "germanidade". Para isso, Seyferth (1997, p. 4) formula que:



A formação de uma cultura e de uma identidade étnica teuto-brasileira está relacionada ao processo histórico de colonização (ainda que compartilhado com imigrantes europeus de outras etnias). O que os brasileiros chamaram de "enquistamento étnico" dos alemães pouco tem a ver com o isolamento relativo das colônias; este resultou da própria condução da política de colonização e não da livre escolha dos imigrantes.

Sobre tal situação, traz-se à tona problemáticas quanto a questão étnica: uma forte organização comunitária, que resultou de respaldos ideológicos, onde todo e qualquer tipo de associação, seja ela religiosa, cultural e recreativa, deram historicamente toda a caracterização do processo histórico, econômico e social, que segundo Seyferth (1993), distinguiu essas comunidades da sociedade nacional.

Partindo do pressuposto de que essa realidade estava inserida nas comunidades teuto-brasileiras, se desenvolve o conceito de "pangermanismo" e de identidade étnica, dois conceitos centrais que apresentam essa discussão. São melhor aprofundadas no primeiro capítulo onde, junto com outros termos e concepções teóricas, conseguem dar a sustentação necessária para a problematização.

O segundo capítulo faz uma breve retrospectiva do início do século XX, do fim da Primeira Guerra Mundial (1918) até o ato emancipatório de Novo Hamburgo (1927). Apresenta-se uma breve contextualização do momento, na esfera internacional, com a ascensão dos EUA e formação da URSS, crise econômica e ascensão dos totalitarismos europeus. No contexto brasileiro, as oligarquias agrárias da Primeira República, e no Rio Grande do Sul, a permanência do positivismo castilhistas com Borges de Medeiros.

No segundo momento, do mesmo capítulo, o ato da emancipação é evidenciado. Todo o trabalho dos habitantes do ora 2º Distrito de São Leopoldo para tornar o município autônomo. Para isso, a contribuição das sociedades e agremiações alemãs, que formaram o caráter étnico de Novo Hamburgo, também possuem um destaque aqui.

Para Seyferth (1993, p. 9):

O sentido de identidade étnica teuto-brasileira, assim, relaciona-se a um sentimento de comunidade e solidariedade baseado numa história comum, uma cultura comum - a partir das quais são constituídos os símbolos étnicos (em grande parte de natureza etnocêntrica).

Com isso, o terceiro capítulo ganha notoriedade ao discutir, com o suporte documental, a atividade nacional-socialista em Novo Hamburgo. Com uma breve introdução, que revisa o processo de nazificação na Alemanha, além de seus contatos políticos e financeiros para as células do NSDAP, ou Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães em territórios fora da Alemanha. Partindo, no segundo momento, para a ação em territórios teuto-brasileiros, destacando em Novo Hamburgo, a importância da imprensa local com o semanário “O 5 de Abril”, sendo o precursor propagandístico da causa nazista em território hamburguense. No final do capítulo algumas páginas destinadas ao aprofundamento das ações do Partido, juntamente com as ações, preventivas e/ou de censura das autoridades governamentais.

O quarto capítulo busca trazer as ações do regime autoritário de Getúlio Vargas (1937-1945) na constante “luta” para acabar com os chamados “nacionalismos estrangeiros”. O Estado Novo, foi o regime responsável por tornar realidade tais ações. Uma transformação que não faz concessões, segundo Seyferth (1997) ao chamado "pluralismo étnico", tendo no Exército o braço institucional que tornou possível essas políticas de nacionalização. Integrando essas comunidades alemãs ciosas, segundo a mesma, pela continuidade de sua identidade teuto-brasileira.

Inserindo essa ideia de preocupação de uma possível propagação, e entre essas comunidades alemãs, os ideais de pertencimento étnico dessas populações se daria, segundo Seyferth (1997), pela busca de um inimigo mais óbvio, uma concepção ideológica. Um derradeiro momento em que essas comunidades sofriam com a influência do nacional-socialismo, advindo pelos agentes que estabeleciam essas conexões que se estabeleciam no campo ideológico e étnico.

## 2 RECURSOS TEÓRICOS

### 2.1 O conceito de *Deutschtum*

O processo de produção do conhecimento historiográfico, além de possuir um método específico – de análise e composição – também depende das considerações teóricas, para se compor, enquanto pesquisa acadêmica. Quando se faz referência ao estudo da presença alemã no Rio Grande do Sul, de suas características, como grupo social, o conceito de *Deutschtum* é constantemente referendado em importância, tanto nos estudos antropológicos de caso, quanto na procura, entre os imigrados e seus descendentes, de promover essa manutenção dos traços étnicos e culturais, da tradição alemã, que vinha imigrada da Europa central para o sul do Brasil.

Esse conceito, em especial, pode ser traduzido como *germanismo*, podendo inclusive ser utilizado na mesma significação de nacionalismo alemão. Com bastante significância na discussão acadêmica e seus respectivos estudos, tanto de caso, como os estudos estruturais, há um consentimento generalizado da ideia de defesa da língua, dos costumes e das tradições alemãs, baseadas no significativo empenho pela conservação da pureza étnica. (GERTZ, 1987)

As constantes referências quanto a um espírito germânico, de pertencimento e anseio ao povo alemão, ou ainda de sua totalidade, caracterizado nos grupos étnicos residentes em localidades estrangeiras à grande *Pátria alemã*. Seyferth (1982), traça algumas linhas básicas referentes ao conceito de nacionalismo alemão. Uma ideologia nacionalista que, pressupõe a não-necessidade, do indivíduo, estar ligado a um território ou Estado específico para construir uma nação. Existindo por consequência, inúmeras terminologias que transfiguram significados a ideia de pertencimento, conceitos que podem ser trabalhados, de modo paralelo, a outras terminações de significado semelhante.<sup>1</sup> Uma tentativa que buscou trazer as inúmeras noções de índole nacional, ou de nacionalidade alemã. Mais do que expressão de pertencimento, essas terminologias não restringem sua significação apenas a nacionalidade, como outrora conhecida. Seyferth (1982) procura trazer algumas exemplificações nessa diferenciação de significância. Ela trabalha

---

<sup>1</sup> Terminações como *Volkstum*, *Staatsangehörigkeit*, *Nationalität* são algumas formas que, em alemão, podem ser traduzidas a noção de nacionalidade. (SEYFERTH, 1982, p. 45).

conceitos como *Volkstum*, e sua ideia de expressar o direito do indivíduo, não se referindo ao seu local de nascimento. Trata-se igualmente como a ascensão do sangue, da cultura e da língua desse indivíduo. A essência da Alemanha estaria representada na solidariedade cultural e racial do povo alemão.<sup>2</sup>

A noção de pertencimento, nacionalidade e etnia, operadas por esses conceitos, e principalmente o *Deutschtum*, baseou, desde seu início, as atividades "germanistas" dos partidários do nacional-socialismo por todo o Brasil. Gertz (1987, p. 96), observa nessas atividades, o início "[...] das referências a Adolf Hitler e à doutrina nazista, mas combate-se a arrogância, as atividades e manifestações dos "partidários", quando ultrapassavam os limites dentro dos quais o *Deutschtum* se propunha a trabalhar."

Os olhares dos partidários teuto-brasileiros a toda a estrutura do movimento, e a velha pátria europeia, e seu novo líder, Adolf Hitler, como exemplos a serem seguidos, com o objetivo de eliminar todos os erros que poderiam enfraquecer e dividir o movimento *Deutschtum* no sul do Brasil.

Algumas figuras proeminentes da política nacional, se tornaram adeptos ao movimento germanista na Era Vargas (1930-1945), como o jornalista e político Lindolfo Collor (1890-1942). De descendência alemã, nasceu em São Leopoldo. Destacou-se na carreira jornalística nos anos 1920, participando da redação do jornal *A Federação*, principal órgão de divulgação do governo estadual, liderado por Borges de Medeiros (1863-1961), considerado o pai político de Getúlio Vargas (1882-1954). Atuou como o primeiro Ministro do Trabalho, criado por Vargas, quando este se tornou presidente após a Revolução de 1930.<sup>3</sup>

Para Gertz (1987), a participação de Collor no cultivo do movimento, seria de suma importância para sua manutenção à longo prazo. Por ser um agente público do governo, o modelamento da ação cultural, que poderia ser posta em prática, teria que passar por inúmeros "filtros" internos, para que a sua retórica não contrariasse em nada as posições do governo brasileiro.

Outro vocabulário comumente utilizado em paralelo a palavra *Deuschtum*, seria o conceito de *Kultur*, aplicado aos estudos de movimentação e fixação da cultura alemã em solo brasileiro, mais especificamente, no Rio Grande do Sul.

---

<sup>2</sup> Seyferth (1982) também elucida que essa noção de nacionalidade está diretamente relacionada, para os alemães, a uma noção étnico-cultural, condicionando assim, à cidadania desse indivíduo.

<sup>3</sup> Disponível em: <[https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/lindolfo\\_collor](https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/lindolfo_collor)> Acesso em 06 out. 2019.

Seyferth (1982), apresenta que esta associação pode implicar em inúmeras interpretações e reconhecimentos sobre a língua e cultura alemãs. Uma consciência das características próprias da língua, das tradições e dos costumes, próprias dessas comunidades teuto-brasileiras.<sup>4</sup> E a garantia de continuidade. A língua alemã se torna a principal forma de diferenciar a "comunidade nacional alemã" fora da Alemanha, dos não-alemães, como a forma mais concreta de identificação étnica.

Outra questão importante de ser ressaltada, se reflete na situação vivenciada por essas "colônias alemãs" no sul do Brasil, nos anos 1930, no tocante ao que Gertz (1987), identifica como relacionar a ideologia do *Deutschtum* com as respectivas classes e camadas sociais específicas e inerentes à sociedade brasileira. Um processo de resistência à assimilação por parte desses imigrados, e seus descendentes alemães, que podem ser explicados por suas origens modestas, sua baixa escolarização e seu ocorrente isolamento geográfico, na Alemanha. A não-assimilação da cultura e costumes locais seria uma prática muito valorizada por esses "teuto-brasileiros".<sup>5</sup>

A conservação da língua, cultura e tradições entre os grandes comerciantes e industriais de origem alemã era absoluta. A constante preocupação, destes, em permanecerem alemães, sempre priorizando, para seus filhos e descendentes uma educação nos padrões alemães de cultura e etnicidade, acabou caracterizando essas comunidades de forma "quase" permanente. Evidenciada, essa última, na existência das chamadas "escolas alemãs", que para Gertz (1987, p. 103) "[...] frequentemente foi relacionada (a existência) com o imperialismo cultural alemão, que estaria preparando o imperialismo político."

Mesmo assim, esse nacionalismo alemão, ocorrente na elite dessas comunidades, a manutenção da cultura e dos costumes oriundos da velha pátria europeia não devem ser confundidos com a proliferação da ideologia nacional-socialista nas mesmas localidades. Todavia, mesmo com essa separação, nada impediu que esses entusiastas pela cultura alemã se identificassem com esses ideais racistas e totalitários.

Ainda para Gertz (1987, p. 105):

---

<sup>4</sup> Para Seyfeth (1982), essa ação pode ser caracterizada no conceito alemão de *Volksgemeinschaft*.

<sup>5</sup> Um movimento que para Gertz (1987), teria o baluarte de seu cultivo no apoio das classes superiores dos teutos no sul do Brasil. Entre eles, clérigos, médicos, dentistas e outros profissionais liberais.

[...] podemos, portanto, partir do pressuposto de que o *Deutschtum* estava fortemente enraizado nas camadas superiores da população teuta. Apesar de o *Deutschtum* se ter manifestado seguidamente contra a atividade dos partidários nazistas, seu nacionalismo alemão contribuiu para aumentar suspeitas sobre uma ampla difusão de atividades nazistas. O *Deutschtum* praticamente não se manifestou contra o nacional-socialismo como ideologia. 9 Onde os nazistas destacavam apenas o aspecto étnico da doutrina, os germanistas não tinham problema sem segui-los.

## 2.2 Nacionalismo alemão e sua influência no sul do Brasil

O nacionalismo alemão é tido como provavelmente uma das ideias nacionais mais voláteis na história dos Estados-nacionais. Uma noção de pertencimento extremamente variável durante a história, sempre estando diretamente relacionada com o contexto geopolítico europeu, em específico. Oriundo de uma vaga ideia de nacionalismo romântico, do século XIX, e como consequência das Guerras Napoleônicas, a ascensão, do mesmo, se tornou uma realidade.

A promoção de nacionalismo como a idealização máxima do sentimento nacional esteve sempre condicionada a vários outros aspectos, que devem ser considerados como um complemento para a definição completa do conceito. O nacionalismo se refere a nacionalidade, que por sua vez, aproxima-se do conceito de nação. Tudo isso torna possível a definição das bases de identitárias de um povo.

Para Hobsbawm (1990), o conceito de nação moderna, é caracterizado por sua própria historicidade. Algo que procurou identificar, com características próprias, uma aversão ao alheio, ou seja, a estranheza pelo desconhecido. Essa caracterização remete a construção do conceito de "princípio de nacionalidade". (p. 31).

Nesse sentido, a formação de conceitos como "identidade étnica" se tornou possível. A caracterização de um modo de vida reconhecido, segundo Seyferth (1982), no interior do grupo, acabou conduzindo a um padrão normativo de comportamento, assim, implicou no respeito às diversas instituições consideradas alemãs. Só poderia ser *teuto-brasileiro*<sup>6</sup>, os indivíduos que possuíssem origem alemã.

A grande distinção étnica que poderia ser feita em uma população de uma determinada área, poderia classificar o fator de pertencimento a uma determinada cultura. Um elemento que materializou "[...] os critérios de determinação dos

---

<sup>6</sup> Traduzido do alemão *Deutschbrasilianer*. (SEYFERTH, 1982, p. 155).

membros implicam em marcadas diferenças de comportamento que são essencialmente de caráter cultural e social" (Seyferth, 1982, p. 155).

Um conceito que se apresentava cheio de controvérsias, em relação à estrutura e continuidade. A Primeira, identificada por Seyferth (1982), na constante busca pela unidade política, referendada na dificuldade inicial pela unificação do país. No contexto pré-1871, a particularidade encontrada em cada pequeno Estado da Confederação, revelou a dualidade entre unidade e segmentação, trazendo a dificuldade de continuidade à tona. Ainda para a autora (p. 19):

As raízes ideológicas desse nacionalismo estão contidas na obra de alguns autores do Romantismo alemão, não tanto pelo fato de terem sido realmente nacionalistas, Mas por que esse movimento literário foi marcado por uma busca de valores na comunidade "folk" medieval - ou seja, no passado legendário do Sacro Império Romano-germânico - e pela valorização da paisagem, dos costumes e da língua alemã.

A ideia de uma nação alemã, salientada a partir de uma união dos alemães, é pensada, segundo Seyferth (1982), pelos mesmos, em termos de uma nação alemã e não de um Estado-nacional germânico. Um desenvolvimento do nacionalismo a partir do processo político de unificação, Revolução Industrial, desenvolvimento econômico, e outros, que possibilitariam elucidar a importância de aspectos materiais para a fundamentação teórica e prática, tanto da nação alemã quanto de seu respectivo nacionalismo.

Hobsbawm (1990, p.31), ao analisar conceitos como a "*questão nacional*" em que:

O significado fundamental de "nação", e também o mais frequentemente ventilado na literatura, era político. Equalizava "o povo" e o Estado à maneira das revoluções francesa e americana, uma equalização que sua família em expressões como "Estado-nação", [...]. Assim considerada, a "nação" era um corpo de cidadãos cuja soberania coletiva os constituem como um Estado concebido como sua expressão política. Pois, fosse o que fosse uma nação, ela sempre incluiria o elemento da cidadania e da escolha ou participação de massa.

No caso do nacionalismo alemão, fatores como a cultura, os costumes e a língua são essenciais para a caracterização e disseminação do mesmo. Algo bem visível quando se considera a formação dessa ideologia colocada em prática em regiões de imigração alemã no Brasil, traçando-os como algo acima do Estado e da cidadania. Seyferth (1982), persiste na utilização de um termo específico, de

maneira generalizada, principalmente na imprensa de língua alemã que circulava no Brasil até 1941, o conceito de "*Brasilianisches Deutschum*"<sup>7</sup>.

Uma constante busca pela identificação étnica, baseada em critérios de ascendência sanguínea e língua comuns, e tendo no último o principal elemento de definição quanto a categoria "teuto-brasileiro". Outros critérios, segundo Seyferth (1982), que são estabelecidos por ideias relativas a povo, cultura, raça, entre outras, só se tornaram públicos quando estes se colocarem em confronto com os indivíduos ou grupos de outras origens étnicas.

Na vida comunitária, as expressões culturais dos alemães, aqui seriam defendidas e encontrariam, segundo Seyferth (1982), o resguardo na imprensa, nas igrejas e nas escolas. De acordo com Py (1942, p. 210)<sup>8</sup>, a religião se tornou um instrumento do Partido nazista no estrangeiro. A Igreja Evangélica Alemã e o seu colegiado de pastores, seriam caracterizados, mais como agitadores políticos do que como agentes da espiritualidade. Caracterizados, assim, sob a alegação de serem instituições salvas do vigilantismo das autoridades do Estado e, portanto, salva das "[...] restrições da censura."

O que reforça essa noção era a tarefa educativa atribuída a esse clero protestante. Segundo Campos (2006), sua função, juntamente com a instrução espiritual, era de ajudar a ensinar as comunidades alemãs que residiam em regiões rurais, sendo fundamentais para a caracterização dessas populações. Para a autora, a língua e a religião eram duas coisas de difícil dissociação.

O apelo nacionalista, utilizado tanto para propagar a ideologia nacional-socialista na Alemanha, exportando seus ideais de pureza e superioridade, foi algo gradual e meticulosamente calculado. A perfeição técnica, utilizada nos comícios e nos filmes de propaganda, procuraram o que Kershaw (2010) descreve como "A fabricação do ditador"<sup>9</sup>

Uma classe média, que se formava a partir de uma consciência nacional-conservadora, que ainda para Kershaw (2010), se aproximaria cada vez mais da figura de Hitler. E paralelo aos alemães, crescia, entre os teuto-brasileiros, um

---

<sup>7</sup> Tradução livre: Germanidade abasileirada, nomeação do processo de hibridização, e mistura de elementos. (MIRANDA, 2008, p. 29)

<sup>8</sup> Investigação criminal, do delegado de polícia do Estado do Rio Grande do Sul, Tenente Coronel Aurélio da Silva Py, publicada em 1942, e que consiste na averiguação de uma possível conspiração nazista no Estado do Rio Grande do Sul, com personagens importantes da sociedade rio-grandense, regionais e estaduais, com o propósito de propagar a ideologia nazista em território gaúcho.

<sup>9</sup> Nome do 10º capítulo da colossal biografia de Adolf Hitler, escrita pelo historiador britânico Sir Ian Kershaw. Publicada pela Companhia das Letras, em 2010.



revigoramento do sentimento nacionalista à velha pátria europeia. Uma alegria sem limites, e um consentimento de renovação nacional que tornaria o apoio da população quase inquestionável por doze longos anos, num segundo momento, seja pelo apoio a ideologia, seja pelo medo imposto pela máquina de terror do Estado nazista.

### 2.3 Definição de Pangermanismo

A convergência entre o conceito de Pangermanismo, e as políticas empregadas pelo movimento nacional-socialista, em sua respectiva política agressiva de expansão territorial, tornam-se estritamente ligadas a partir da atuação de grupos ideologizados no Rio Grande do Sul, e mais especificamente, em Novo Hamburgo. Uma caracterização criada como um movimento político, de cunho nacionalista, que desde o século XIX defendia a união de todos os povos germânicos, na Europa central, em uma única nação.

Toda a perspectiva de desenvolvimento de um nacionalismo pangermânico, tem terreno fértil, na problemática formação da República brasileira. Com uma colaboração seleta do positivismo, que segundo Magalhães (1998), atuou como uma faca de dois gumes, estimulando o estado laico e a livre-associação ideológica.

Um panorama que recebeu contornos mais nítidos com o fim da Primeira Guerra Mundial. Um momento decisivo para o ideal democrático. Para Magalhães (1998), mesmo com essas aparentes evoluções, nas perspectivas políticas dos Estados e do *establishment* europeus, não conseguiriam suportar a carga do próprio passado. Um espírito de inquietação e pessimismo se alinharam a uma hostilidade diante das instituições democráticas, tendo reflexo, inclusive, em temas da literatura em língua alemã no Brasil.

Essas percepções, aliadas a uma presença cada vez maior de imigrantes alemães, que empregavam suas noções de pangermanismo que, ainda segundo Magalhães (1998), se estendeu por todo o sul da América Latina, o princípio de *Grossdeutschland*<sup>10</sup>, acabou desenvolvendo um sentimento antagônico no espírito

---

<sup>10</sup> Do alemão: "Grande Alemanha". É um conceito da teoria política alemã de Estado-nação, em que o espaço-vital, ou "*Lebensraum*" seria construído para abrigar todos os povos de origem alemã. (BOBBIO, MELLEUCCI & PASQUINO, 1998, p. 808).

desses imigrantes, que não desejavam ser instruídos pelas nações anfitriãs, como o Brasil.

Com a ascensão do nazismo na Alemanha, Magalhães (1998), identifica uma série de entidades interessadas na preservação da cultura germânica no exterior. Sendo constantemente reanimados com objetivos pragmáticos – com interesses econômicos de curto e médio prazo. Assim, com a necessidade e o desejo de divulgar essa ideologia, para vê-la conhecida e admirada por outras regiões do mundo. Ação essa, idealizada e praticada pela *Volksbund fur das Deutschtum im Ausland*. Fundada em 1880 com o nome de "Deutscher Schulverein", ou Associação Alemã de Escolas, com o objetivo de cultivar a vida cultural e social de alemães estrangeiros e étnicos, especialmente montando e mantendo jardins de infância, escolas e bibliotecas, no exterior. Renomeada com esse nome em 1933 pelos nazistas<sup>11</sup>.

Além dessas pretensões, Magalhães (1998), identifica que essa iniciativa, de promoção de um processo de nazificação de alemães no exterior, que visava atender a um outro objetivo: a formação de um reservatório de cidadãos do *Reich*, para o caso de necessitar o seu recrutamento em um eventual conflito. Uma cosmovisão que tentava atender aos interesses da nação alemã e propagar a Nova Alemanha. Ainda para Magalhães (1998, p. 137):

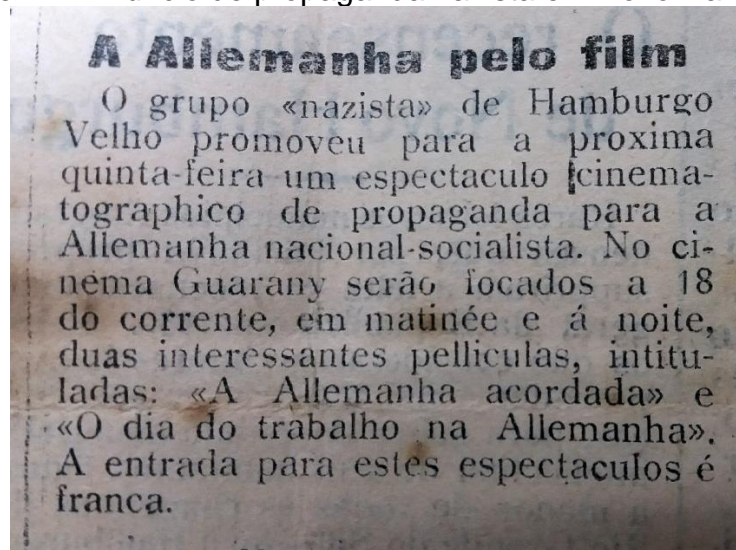
[...] inspirados num darwinismo exacerbado, preocupavam-se em realizar uma espécie de pré-seleção dos indivíduos que teriam o direito de pertencer essa nova comunidade, avaliando em que medida os mais antigos Imigrantes dessa virgem eram efetivamente arianos puros, para o que utilizavam tanto que ter racial (condenação à mestiçagem) quanto cultural [...]. (KDB, 1936, 1937 e 1938)

Todo esse projeto, de anunciação dessa Alemanha renovada, guiada pelos nazistas, teve reflexos inclusive em Novo Hamburgo. O papel da imprensa, nesse quesito, fora de suma importância, para o processo de nazificação presente na cidade desde o início dos anos 1930. Um grupo que utilizava, principalmente, de eventos sociais e culturais para distribuir e tornar público os ideais base dessa Nova Alemanha.

---

<sup>11</sup>. Disponível em: <[https://portal.ehri-project.eu/units/de-002429-r\\_8056](https://portal.ehri-project.eu/units/de-002429-r_8056)>. Acesso em 02 nov, 2019.

Imagem 1: Anúncio de propaganda nazista em Novo Hamburgo



Fonte: O 5 de Abril: 12 jan. 1934.

#### 2.4 O programa nacional-socialista da Alemanha para o mundo

Um novo conceito de governo surgiu com os movimentos fascistas na Europa entre os anos 1920 e 1940. Uma perspectiva ideologizada que começou a fazer parte de uma administração pública. Não era apenas mais um movimento político, mas sim uma política de Estado. A partir de 1933, com a ascensão de Adolf Hitler à chancelaria alemã, as grandes vitórias democráticas que pairavam na Europa, desde o fim da Primeira Guerra Mundial, estavam aos poucos se esvaziando em sentido.

Uma área de disputas estava sendo formada na política internacional. Para Hobsbawm (2017), essas disputas seriam bem melhor compreendidas como "uma guerra civil ideológica internacional". (p. 144) Impondo assim, uma extensa divisória entre os mais variados sistemas políticos, seja o liberal-capitalista, o nacional-autocrático, ou o socialista-revolucionário.

Para Kershaw (2010, p. 24), a ditadura imposta por Hitler e seus partidários, tem como principal característica ser um paradigma para o século XX. Uma forma mais extrema e intensa, significando assim, um processo de reinvenção total do Estado moderno. Partindo de um pressuposto de repressão e violência como políticas estatais. Uma reestruturação completa, a partir de uma ideologia racista e totalitária, com a ressignificação da própria engenharia social, que alterou significativamente o *status quo* de toda a sociedade alemã. Um regime que

equivaleu ao colapso da civilização moderna: caracterizada, pelo mesmo autor, como "uma forma de explosão nuclear dentro da sociedade".

De adolescente solitário, com o fracasso como eminência na vida, a herói nacional. Todo o movimento de ascensão do Partido Nazista, ao poder na Alemanha, fora caracterizado pela a habilidade de Hitler e seus partidários de manipular a sua própria imagem, como o grande salvador do país, ou pelo menos isso era o que queriam demonstrar. Como o grande "cadenciador" do movimento que traria respostas para o sofrimento do povo alemão, e por consequência, de todo o mundo.

Uma política que atingiu as mais variadas partes do mundo. Nas comunidades teuto-brasileiras, em especial as comunidades do Rio Grande do Sul, tornam-se precursoras de um movimento nacionalista, que tornou público por sua imprensa local. Em Novo Hamburgo esse papel foi encenado pelo semanário *O Cinco de Abril*, que encarou e aceitou todo conteúdo propagandístico, por meio de toda forma e publicidade de textos, desde discursos traduzidos de personalidades importantes da Alemanha Nazista, como do Ministro da Propaganda, Joseph Goebbels, até de falas do próprio Adolf Hitler.

O discurso de Goebbels, publicado, pela primeira vez, em 02 de abril de 1937, discute, em quatro números (49, 51, 52 e 53), possivelmente devido ao tamanho, a temática da teoria e da prática do movimento comunista, intitulado: "O Bolchevismo na teoria e na prática"<sup>12</sup>. Essa série de editoriais foi retirada da fala do então Ministro da Propaganda do *Reich* ao Congresso anual do NSDAP em Nuremberg de 1936. Uma descrição, ideologizada, do movimento de expansão comunista pelo mundo, havendo, inclusive, uma exortação, na conclusão do discurso, para um levante racial contra o "bolchevismo internacional"<sup>13</sup>.

Esses exemplos, que serão problematizados e aprofundados no decorrer do trabalho, servem para identificar e materializar a continua busca, tanto do movimento nazista, na Europa, quanto de seus adeptos, em Novo Hamburgo, de criar movimento que traria à tona um ideal nacionalista, num primeiro momento, e que aos poucos foi se tornando pangermânico.

Segundo Elias e Schröter (1997, p. 294),

---

<sup>12</sup> O 5 de Abril: 02 abr., 16 abr., 23 abr. e 30 abr. 1937.

<sup>13</sup> Ibidem: 30 abr. 1937.

[...], o significado e o caráter particular do movimento nacional-socialista e da Alemanha de Hitler não serão basicamente compreendidos, se não se levar em conta a sinceridade e a força irresistível de suas convicções coletivas. A vitória e o fracasso do movimento nacional-socialista ficam incompreensíveis se não se considerar o elemento fortemente idealista de suas crenças, o qual cegou o *Führer* e seus seguidores para outras considerações que não agitadas por seu credo e lhes permitiu, em algumas ocasiões, ver o mundo inteiramente à luz de suas próprias esperanças e desejos.

Um projeto que tenta traçar, pela propaganda e terror, todos os meios possíveis para buscar a legitimação desse novo sistema, se transformando na base jurídica e instrumental do Estado. Uma forma nunca antes tentada de maneira tão abrangente, como foi na Europa dos anos 1930 e 1940.

Com as teses centrais do movimento nacional-socialista estão a mais pura arbitrariedade e perversidade que a mente humana poderia sequer imaginar. Hitler (1983) advertiu, em sua paranoia nacionalista, para a necessidade de que o Estado deve se prevenir contra a contaminação racial e que deve, pelo direito natural imposto sobre a sociedade que o cerca, eliminar as raças mais fracas, sobrepujando assim, uma sociedade pura e superior.

Uma ala extremista de todos os ramos possíveis da política alemã, é aceita e legitimada pela opinião pública. As urnas republicanas e democráticas, que encheram dois terços do *Reichstag* (parlamento alemão) de deputados nazistas, acabaram legitimando, indiretamente, a nomeação de Hitler à chancelaria. Um processo que levou menos de um ano para liquidar, de vez, com a República de Weimar. E com a morte do seu último presidente eleito, Paul von Hindenburg (1847-1934), em agosto de 1934, os últimos baluartes da democracia alemã foram enterrados, antes dos doze anos de trevas que se aproximavam.

No início, tanto o movimento nazista quanto Hitler, não foram levados muito a sério. Kershaw (2010, p. 293), aponta para uma possível interpretação da liderança do partido "[...] como não mais do que o boneco dos verdadeiros donos do poder, as forças do grande capital, representadas por seus amigos no gabinete". Todavia, a história demonstrou que todas essas previsões eram equivocadas.

Imagem 2: Anúncio no semanário hamburguense da morte de Hindenburg.<sup>14</sup>



Fonte: O 5 de Abril: 03 ago. 1934.

Após a conquista do poder, e a consequente estruturação do novo Estado nazista, Hitler e seus partidários estruturaram uma ideia de política com base no terror oficial. Milícias paramilitares, como a SA<sup>15</sup> e SS<sup>16</sup> buscavam contornar os princípios defendidos pela jovem democracia alemã, que contava com um pouco mais de vinte anos. Um modelo de ideologia que, segundo Arendt (2015), nasce em um mundo completamente diferente de suas reais perspectivas, e que se fundamentou como uma característica de "criação humana".

A exploração do sentimento nacionalista, juntamente com a ideia de rompimento com o *status quo*, afastando completamente os dois blocos que disputavam a política alemã: as instituições liberais que caracterizaram a República de Weimar, e o singelo medo do comunismo oriental, visto como, segundo Hitler, a degeneração completa do homem pelo ideal comum.

Para Hitler (1983, p. 252):

<sup>14</sup> Tradução do alemão: O NSDAP Grupo de Novo Hamburgo / Convida todos os camaradas folclóricos alemães à uma breve cerimônia de luto, por ocasião da morte do Presidente do *Reich* von Hindenburg. Na sede do grupo: *Frohsinn*. Domingo, 05 de agosto, 10h 30min.

<sup>15</sup> Abreviação de *Sturmabteilung*, ou "Destacamento Tempestade". Grupo paramilitar do movimento nazista, liderada por Ernst Röhm (1887-1934). Em dado momento, era a instituição mais ativa da vida pública alemã. É dissolvida em 1934, na Noite da Facas Longas, quando Röhm foi morto, juntamente com outras lideranças do grupo, a mando de Hitler, que temia um possível golpe de Estado desses líderes assassinados (EVANS, 2011, p. 35-41).

<sup>16</sup> Abreviação de *Schutzstaffel*, ou "Tropa de Proteção". Outro grupo paramilitar do nazismo, liderada por Heinrich Himmler (1900-1945). Inicialmente pensada para a proteção das lideranças nazistas. Mas com a "Solução final da questão judaica", foi a principal organização que tomou partido do Holocausto. (EVANS, 2011, p. 71-75)

Só existe, porém, um direito sagrado e esse direito é, ao mesmo tempo, um dever dos mais sagrados, constituindo em velar pela pureza racial, para defesa da parte mais sadia da humanidade, tornar possível um aperfeiçoamento maior da espécie humana.

Para buscar uma legitimidade, Arendt (2015), argumenta sobre a utilização de duas ferramentas, usadas pelos totalitarismos, e que teve grande significância no processo de consolidação do regime na Alemanha, que foi a ideologia e a propaganda. A primeira, buscava a extensão da "pureza racial" em todos os processos que criariam as suas interpretações de mundo. Esta suposta superioridade, que serviria, tanto para a legitimação interna, e o convencimento dos indivíduos na sociedade alemã, quanto aos propósitos expansionistas, idealizados pelo regime nos anos posteriores, e que é legitimado pela propaganda, a segunda ferramenta.

Um modelo que, aos poucos, foi construindo o ideário de futuro para a Alemanha nazista. Um Estado que tomou forma em menos de quatro anos. Segundo Kershaw (2010, p. 353), são anos que costumeiramente são identificados, na memória de inúmeros contemporâneos como "os anos bons". Mas que, acima de tudo, propiciou a intensa radicalização acumulativa, e aos poucos, começou a ganhar impulso nas novas práticas políticas.

Ainda segundo Kershaw (2010), três tendências estavam intimamente relacionadas a organização macroestrutural do novo Estado: a erosão do governo coletivo, a total autoridade de Hitler e o surgimento de metas ideológicas mais claras. Tudo isso acabou consolidando ainda mais as ações pessoais do *Führer*, particularmente no âmbito da política externa, que iam aos poucos se tornando vitais para o desenvolvimento ideológico.

Nessa perspectiva, as ações concretizadas no Rio Grande do Sul, e evidenciadas por Py (1942), relatam uma preocupação real da presença do Estado alemão como uma ameaça permanente, ao Estado brasileiro, que em 1942 já se decidira a apoiar os Aliados. A identificação de uma nova Alemanha no Brasil é constantemente citada, pessoalmente por Hitler e seu constante interesse neste inusitado projeto.

Uma tentativa que alcançou, ainda para Py, o seu clímax em atividade e organização no Brasil, foi o ano de 1937, como consequência direta da criação de

uma verba de pouco mais de 260 milhões de *Reichsmarks*<sup>17</sup>, que consistia num fundo para financiar a ação dos partidários nacional-socialistas no estrangeiro. Uma ação perpetrada pelo Estado alemão e que estava cheia de segundas intenções.

Para Py (1942, p. 19):

É geralmente sabido que o Brasil possui riquezas incalculáveis e, já em pleno desenvolvimento econômico, apresenta possibilidades de um florescimento sem limites. Apontado como celeiro potencial do mundo, a princípio esporadicamente e, depois, com uma frequência crescente, não podia ficar o nosso País, como é natural, sem atrair os olhares cobiçosos do imperialismo germânico.

A idealização de uma República teuto-brasileira, inspirada na noção de ampliação do espaço vital<sup>18</sup>, longamente comentado por estadistas alemães, como Bismarck, é segundo Magalhães (1998), uma das características principais das discussões nas regiões de colonização alemã. Mesmo que a política colonial alemã se iniciasse tardiamente, como foi, se comparada com outras potências europeias. A realização de um imperialismo informal, com a conquista de mercados, e com o apoio institucional, promove um processo paralelo de aculturação nas regiões de imigração alemã no Brasil.

Uma aproximação constante, entre clima e situação política, favoráveis para o projeto de imigração de indivíduos oriundos dos chamados países superindustrializados e superpovoados da Europa, que procuravam um espaço para viver, podendo assim estabelecer novas condições de vida e oportunidade de construir novas fortunas. E seria nesses territórios, de forte presença alemã, incluindo a cidade de Novo Hamburgo que a propaganda nazista foi direcionada e que teve uma grande influência. Quanto a Novo Hamburgo, pelo seu grau de desenvolvimento, iniciou o movimento emancipacionista de São Leopoldo, em 1924. Conquistou a emancipação em 05 de abril de 1927, quando o movimento nazista ganhava corpo na Alemanha.

---

<sup>17</sup> Nome oficial da moeda alemã. de 1924 até 1948, extinta por uma reforma monetária. (FEIJÓ, 2009).

<sup>18</sup> Referência a conhecida tese do *Lebensraum*, que ganha mais reconhecimento político com os nazistas, a partir de 1933. (BOBBIO, MELLEUCCI & PASQUINO, 1998, p. 534).



### 3 NOS PRIMÓRDIOS CIDADINOS: A EMANCIPAÇÃO DE NOVO HAMBURGO

#### 3.1 Contexto histórico regional, nacional e internacional

Um contexto histórico repleto de significação para todo o século XX. Um período de dualidade no contexto internacional, após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), com a ascensão dos Estados Unidos como grande potência econômica e industrial e a decadência da Europa, destruída pela guerra. A essência do "*American way of life*"<sup>19</sup>, materializado na progressão da qualidade de vida do cidadão médio norte-americano, ainda que fosse para um grupo restrito de estadunidenses, o slogan difundiu-se como uma meta a ser alcançada pelas américas. Uma década caracterizada como o início de uma nova era, definida por Karnal (2017) como uma época de contrastes e discordâncias, com a retomada do conservadorismo na agenda política e econômica.

Uma década marcada por altos e baixos. O lado negativo desse período, a "Grande depressão" de 1929, e seu extensivo colapso financeiro, que havia se construído, ainda segundo Karnal (2017, p. 198), sob "[...] uma sociedade de consumo - na qual a capacidade de consumir era vista como o principal direito da cidadania - [...]. Não há dúvida, porém, de que a promessa de consumo em massa brotava no período."

Uma consciência de cidadania condicionada a capacidade de consumo, que se prolifera pela maioria dos países do ocidente. O capitalismo, e sua grande capacidade de se reinventar, torna possível conciliar, a democracia e um bem-estar, caracterizado pela capacidade do indivíduo de comprar a sua integração nesse modelo de sociedade.

Do outro lado do mundo, no espectro oposto ao individualismo consumidor dos norte-americanos, a reconstrução da Rússia Soviética, um país que havia passado por uma Revolução e uma Guerra Civil, em menos de dez anos, e que conseguiu, ao final desse processo, criar o primeiro Estado socialista da história. Um processo de centralização política, grande adesão popular pelos ideais

---

<sup>19</sup> Baseado nos princípios nominais do liberalismo clássico. O mercado seria o grande regulador da vida do indivíduo, promovendo emprego, salário, consumo e bem-estar. Em paralelo a isso, o Estado deve promover: a segurança, serviços básicos e a defesa da propriedade. Ref. O MODELO AMERICANO (AMERICAN WAY OF LIFE) – AULA VIII A CRISE DE 1929. Cursos CPT. **Youtube**. 08 mar. 2018. 5min13s. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=n3O\\_uF-qpaE](https://www.youtube.com/watch?v=n3O_uF-qpaE)>. Acesso em 12 out. 2019.

revolucionários, e anulação completa das instituições liberais, que caracterizavam a democracia na América e na Europa pós-1918. Uma otimista expectativa pairava sobre o mundo. As desigualdades e a cobiça da burguesia seriam agora enfrentadas por um ideal comum. Para Hobsbawm (2017, p. 63): "[...] a revolução de outubro se via menos como um acontecimento nacional que ecumênico. Foi feita não para proporcionar a liberdade e socialismo à Rússia, mas para trazer a revolução do proletariado mundial."

No contexto nacional, a ainda jovem República brasileira vivia sob um dualismo político. Imerso numa realidade agrária e de total coerção da chamada "burguesia do café"<sup>20</sup>, o quadro político do Brasil era composto por agentes que faziam parte da antiga aristocracia agrária, advinda dos tempos da monarquia.

Um projeto oligárquico foi a característica principal da República brasileira nos seus primeiros 40 anos. A Primeira República como é costumeiramente conhecido, é o período que vai desde a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889, até a deposição do presidente Washington Luís (1869-1957), em 24 de outubro de 1930, com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder.<sup>21</sup>

Segundo Fausto (2006), a República brasileira poderia receber inúmeras denominações, nos microcosmos em que estava inserida. A "República dos coronéis", tratando de uma perspectiva clientelista por todo o país, a "República oligárquica" quando analisada sob o grande poder de decisão do sudeste do país, ou ainda de protagonismos esporádicos, como as oligarquias gaúchas, que protagonizaram alguns momentos de protagonismo no cenário político, na Primeira República no Brasil.

O contexto regional, na Primeira República, é baseado em uma tentativa de rompimento com a lógica elitista da política Imperial. Um projeto encabeçado pelo Partido Republicano Rio-grandense que buscava soluções para além dos interesses dos antigos pecuaristas e as elites agrárias da região.

De acordo com Fausto (2006, p. 269):

Certos traços ideológicos e peculiaridades políticas concorreram também para a aproximação. O positivismo, cuja importância difusa se manteve no interior do exército, foi o principal traço ideológico. Além disso, a política econômica e financeira defendida pelos republicanos gaúchos tendeu a c com a visão do grupo militar.

---

<sup>20</sup> FAUSTO, 2006, p. 273.

<sup>21</sup> Ibidem, p. 243-328.

Uma política conservadora voltada às atividades econômicas para o mercado interno. Garantindo o protecionismo a seus produtos, principalmente o charque, que sofria com a forte concorrência do Uruguai da Argentina. A política econômica referendada em conservar os gastos do erário público, promovendo a estabilização dos preços.

Sobre uma corrente específica, o positivismo castilhist<sup>22</sup>, a política gaúcha foi sendo caracterizada, de forma ininterrupta, entre 1893 e 1937. Alguns partidários influentes: como Júlio de Castilhos, Borges de Medeiros, Carlos Barbosa, Flores da Cunha, Getúlio Vargas, Osvaldo Aranha e Assis Brasil, tomaram a dianteira nos processos decisórios do Estado por várias legislaturas.

### **3.2 A emancipação distrital: o decreto de ouro**

Para entender o processo de emancipação do 2º Distrito de São Leopoldo, se torna necessário realizar uma breve exposição do contexto da colonização dos imigrantes alemães, que se instalaram nessa localidade. Dividindo esses recortes históricos em dois períodos: o primeiro, de 1824, com o início do processo de imigração alemã, na formação da colônia de São Leopoldo, até o ano de 1875, que foi o início das operações da ferrovia que ligava a região do Vale do Sinos, Hamburg Berg - nome conferido por locais a localização do atual bairro Hamburgo Velho, em Novo Hamburgo, até o ano de 1927, com a assinatura do ato de emancipação.<sup>23</sup>

Um processo iniciado durante o período monárquico brasileiro em busca de objetivo bastante comum, para a época, e completamente repugnante a qualquer indivíduo que tem a mínima noção de humanidade, nos dias de hoje, que seria o "embranquecimento"<sup>24</sup> da população brasileira. Trazendo esses indivíduos, de modo gradual e sistemático, buscando a mudança do padrão étnico brasileiro, já que o percentual da população seria, segundo estáticas do Império, de 58% de negros e

---

<sup>22</sup> Corrente política conservadora, que apostava na modernização econômica, tendo como base o apoio da burguesia industrial e urbana. Possui forte influência do positivismo de Augusto Comte. A pureza moral, a eliminação das disputas político-partidárias, e a regeneração na sociedade por um comando forte, que promovesse a transformação e a modernização da mesma. (PESAVENTO, 1992, p. 48-50).

<sup>23</sup> PETRY (1963).

<sup>24</sup> NAPOLITANO (2018, p. 46).

pardos em 1872. Imaginemos, então, o predomínio da população negra no alvorecer da independência, antes da entrada massiva de imigrantes alemães.

Visando também atender necessidades econômicas, políticas e sociais da época, Fausto (2006), reitera a tentativa de introduzir, no Rio Grande do Sul, um modelo familiar de agricultura policultura, para suprir de forma barata o consumo interno, para uma população de baixo poder de consumo, com grande contingente de escravizados. Para tal modelo, foram concedidos lotes de terras e para os quais o governo imperial auxilia no processo de demarcação de terra, alegando que era necessária a ocupação definitiva do solo brasileiro. Essa afirmação ideológica, nega a ocupação pré-existente dos povos originários. Pode-se dizer de forma resumida, que entre os objetivos do governo imperial, em relação à imigração alemã, estavam: o branqueamento da “raça”, fazer uma contenção, um cinturão neutro entre as elites terratenientes e a capital do império com pequenos agricultores, dedicados à policultura de subsistência com baixo excedente para consumo interno, consolidar o território imperial com população confiável branca e não-espanhola. Diferentemente do modelo do centro do país, onde o processo de imigração serviu para a obtenção de mão de obra para substituir trabalhadores escravizados nos grandes latifúndios cafeeiros, no Sul a essa preocupação com uma agricultura familiar, atenta ao mercado interno de necessidades primárias.

Segundo Petry (1963), antes da virada para o século XX, esse modelo de pequena economia familiar tem um plus com o advento da indústria de artefatos de couro, principalmente no ramo da cavalaria, que se encontrava de primeira necessidade nos rumos econômicos que o Rio Grande do Sul tomava desde tempos mais remotos, que dependia do transporte de gado e mercadorias por tropas.

Os "tropeiros" - os encarregados por guiar enormes rebanhos foram os primeiros a empregar este ramo na economia local. Nicolau Becker (1798-1860) é conhecido como o pioneiro na indústria do couro, na região do atual município de Novo Hamburgo. O industriário, foi o primeiro do ramo a instalar uma selaria (para selar cavalos), e um curtume próprio, para o beneficiamento do couro.<sup>25</sup>

Aos poucos o 2º Distrito de São Leopoldo foi se desenvolvendo, percebendo-se a gradual conquista da importância econômica, além de evidenciar as necessidades de urbanização e modernização dessa localidade. Para Petry (1963),

---

<sup>25</sup> KERN (2015, p. 463)

disso resultou um de negociações entre uma comitiva local, formada por moradores, comerciantes e industriários, desejosos pela emancipação, se dirigiram para as autoridades estaduais, no Palácio do Estado, então sede do governo estadual, no ano de 1924, para iniciar a luta pela autonomia distrital.

No dia 05 de abril de 1927, assinatura do decreto nº 3.818, materializou todo o árduo processo conquista da independência municipal. Conhecido como "Decreto de Ouro"<sup>26</sup>, assinado pelo então presidente do Estado do Rio Grande do Sul, Antônio Augusto Borges de Medeiros. Juntamente com esse ato, a criação da administração provisória com bases constitucionais que possibilitou a nomeação de um intendente provisório, o conhecido Dr. Jacob Kroeff Neto<sup>27</sup> e esse mesmo documento estipulou um prazo de 2 meses para realização de um pleito municipal para a eleição direta de seu intendente, vice e os conselheiros municipais.

O acontecimento da emancipação do município rapidamente tomou conta da opinião pública. A panfletagem começa a tomar conta dos espaços públicos, criando o gosto e o apreço populares pelos impressos do primeiro tipógrafo do novo município, Hans Behrend. As notícias passaram de simples panfletos, para um semanário, criando assim o primeiro periódico da cidade de Novo Hamburgo: o jornal *O Cinco de Abril*. Sua primeira edição, trazia como manchete e destaques principais, do seu primeiro editorial, o decreto de emancipação, na primeira página, e a comoção e os festejos pela emancipação da cidade.<sup>28</sup>

Behrend (2002, p. 49) coloca que: "[...], O Cinco de Abril foi firmando raízes, criando um vínculo e uma identidade junto aos hamburguenses." Identidade essa que, promoveu a circulação de ideias que, trariam algum significado à comunidade, entre elas, a propaganda nazista.

Briggs e Burke (2006) alertam sobre o papel da imprensa como fonte do discurso histórico. Dissertam sobre a desconfiança que seus escritos produziram e produzem, uma consequência árdua de sua proficiência, que permeia a história

---

<sup>26</sup> ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO RIO GRANDE DO SUL. DECRETO Nº 3.818, DE 05 DE ABRIL DE 1927. Cria o município de Novo Hamburgo com o território do 2.º Distrito de São Leopoldo. Disponível em: <[http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid\\_Tipo=TEXT0&Hid\\_TodasNormas=56076&hTexto=&Hid\\_IDNorma=56076](http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXT0&Hid_TodasNormas=56076&hTexto=&Hid_IDNorma=56076)>. Acesso em: 15 nov. 2019.

<sup>27</sup> Nascido na Alemanha, veio com seus pais para o Brasil. Começou a trabalhar em 1875, fundando o negócio de sua família, o Matadouro Kroeff, no atual bairro de Santo Afonso em Novo Hamburgo. De carreira política, antes de ser o primeiro Intendente provisório do novo município, de 05 de abril à 04 de junho de 1927, atuou também como Conselheiro Municipal de São Leopoldo, e como deputado estadual. Disponível em: <<https://portal.camaranh.rs.gov.br/municipio/prefeitos/dr-jacob-kroeff-netto>>. Acesso em: 13 out. 2019.

<sup>28</sup> *O 5 de Abril*, 06 mai. 1927.

desde o século XVII. Com essas considerações, a importância da contextualização se faz muito importante. A subjetividade que permeia esse discurso deve ser considerada na constituição do discurso jornalístico.

### 3.3 Formação cultural germânica em sociedades e clubes

#### 3.3.1 Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo

Esses ideais germânicos, se tornam realidade na região, não com a fundação do periódico, ou emancipação de cidade, mas muito antes disso. A Sociedade Ginástica, fundada em 11 de julho de 1894 com o nome de "*Turnverein Neu Hamburg*"<sup>29</sup>, quando Novo Hamburgo era apenas um distrito de São Leopoldo, se torna o primeiro indício dessa formação cultural. Idealizada pelas famílias de imigrantes alemães, que ali residiam, lavraram em papel almaço a fundação da Sociedade.<sup>30</sup>

Fundamentada no desenvolvimento do desporto, a filosofia pedagógica alemã, elaborada no século XIX, tornou-se as bases dos princípios fundamentais adotados pela instituição. Baseados na pedagogia alemã de Friedrich Ludwig Jahn<sup>31</sup>, que visava algo mais do que a simples sistematização dos exercícios no processo de ensino-aprendizagem do desporto. Segundo Quitau (2014, p. 506) visava também "[...] uma recuperação de movimentos que, sob sua ótica, seriam importantes para a formação do cidadão e fariam parte da própria história do povo germânico."

Fundamentada em diretrizes que são representadas por quatro letras F, ainda presente no teto do Salão Social na instituição: *Frisch* (vigoroso), *Fröhlich* (feliz), *Fromm* (piedoso) e *Frei* (livre). Todas elas com uma série de vestígios de ideais germânicos de sociedade. Militarismo no primeiro, autossuficiência no segundo, religiosidade no terceiro, e independência no último.

---

<sup>29</sup> Tradução Institucional: Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo. Ref.: < <http://sgnh.com.br/sgnh/a-historia/>>. Acesso em 15 nov. 2019.

<sup>30</sup> Ibidem.

<sup>31</sup> Friedrich Ludwig Christoph Jahn (1778-1852) foi um teórico nacionalista e pedagogo alemão. Precursor do sentimento de companheirismo entre os jovens, criou inúmeros centros de ginástica que se tornaram símbolo do nacionalismo germânico. The Columbia Encyclopedia. Disponível em: <<https://www.encyclopædia.com/reference/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/jahn-friedrich-ludwig>>. Acesso em: 03 nov. 2019.

Residindo inicialmente no bairro Hamburgo Velho, foi somente nos anos de 1950 que a instituição muda seu núcleo funcional, para uma nova localidade no município. Uma história que é baseada em muitas diretrizes de agremiações alemãs.<sup>32</sup> O idealismo e a conscientização da juventude no trabalho e lazer. A submissão hierárquica e o sentido de ordem se tornaram os pré-requisitos fundamentais para o sucesso deste tipo de instituição, que se tornou, com o passar do tempo, uma agremiação cultural.

### 3.3.2 Grêmio Atiradores de Novo Hamburgo

A associação local de tiro esportivo, ou Grêmio Atiradores de Novo Hamburgo, fundado em 18 de julho de 1892, é criado sob as perspectivas de espaços de lazer e sociabilidade entre os imigrados alemães e seus descendentes. Um espaço que se confunde com a própria formulação da sociedade hamburguense.

Para Assmann, Kilpp & Mazo (2009, p. 1689):

As associações esportivas foram espaços de sociabilidade e lazer para os imigrantes e seus descendentes. Regidas por regras e normas que delimitavam seus objetivos e valores, tais associações eram, em sua grande maioria, lugares de discussão de questões políticas, culturais e econômicas referentes ao Brasil e a Alemanha.

Todo esse processo de agremiação germânica, é explicado ainda para Assmann, Kilpp & Mazo (2009) como decorrência da constante melhora financeira dessas comunidades, o que levou a sua preocupação com o desporto e o lazer, esses dois, ainda são os propósitos da associação.

Objetivos, regras e valores que, assim como a Sociedade Ginástica, criada dois anos depois, em 1894, o vigor e o militarismo, presentes na cultura alemã persistem e a partir disso se materializam. A continuidade dos traços culturais, como língua e costumes, se constitui como predominante no lazer aqui praticado há quase 130 anos. A identificação e a diferenciação étnica, como coloca Assmann, Kilpp & Mazo (2009), persistiu firme até a Segunda Guerra Mundial. Com a campanha nacionalizante da cultura se tornou cada vez mais difícil para sociedades, como

---

<sup>32</sup>Disponível em: <<http://sgnh.com.br/sgnh/a-historia/>>. Acesso em 25 out. 2019.

essa, se manter de portas abertas, principalmente devido a desarticulação completa desse associativismo germânico.

### 3.3.3 Comunidade Evangélica de Novo Hamburgo

A Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Hamburgo Velho, fundada em 6 de janeiro de 1832, foi uma das primeiras da província do Rio Grande de São Pedro, à época do Império, e que deu origem ao futuro município de Novo Hamburgo. Essa conexão religiosa com a política é algo muito trabalhado em linhas de pesquisa sobre a conexão da religião e do nacional-socialismo.

Magalhães (1998), discorre sobre a decisão do final dos anos 1920 que resultou num maior estreitamento político entre os pastores teuto-brasileiros, e a Igreja-mãe. O corporativismo, presente nas ditaduras totalitárias da Europa, estava presente nessas entidades para-eclésiásticas, que viam a necessidade de adesão de suas teses teológicas aos conceitos trabalhados pela ideologia nacional-socialista, formando inclusive uma denominação própria, os "*Deutsche Christen*"<sup>33</sup>.

Mesmo sendo um movimento religioso com pouca adesão entre a comunidade protestante, tanto na Alemanha como no Brasil, o orgulho de algumas autoridades, por manter-se nas convicções evangélicas, o que para eles era mais uma prova da fidelidade com o seu caráter alemão. A Igreja alemã, para Magalhães (1998 p. 172): "[...] se ocuparia, doravante, com a tarefa de educá-los, organizá-los e liderá-los, para que se tornasse um exemplo do *Deutschtum* entre outras raças no Brasil."

Conceitos como *Vaterland*<sup>34</sup> e Igreja-mãe, são bem comuns em todo esse processo de assimilação germânica no clero luterano brasileiro. Conceitos que deveriam ser mantidos inabaláveis, e que caracterizariam todo o enfoque do caráter de vida e espiritual dessas comunidades. Para a autora, uma consciência de linguagem, tornou-se necessária entre boa parte dos fiéis e as lideranças institucionais. Uma realidade que era favorecida por ter uma prática religiosa não

---

<sup>33</sup> Tradução livre-conceitual do alemão: O movimento Cristão Alemão, foi um movimento de nazificação da Igreja Evangélica alemã, praticado pelo NSDAP a partir de 1933. Seu propósito era impor o controle estatal e ideológico sobre essas instituições religiosas, buscando alterar sua estrutura federalista para aderir a causa nazista. (EVANS, 2011, p. 295-296)

<sup>34</sup> Tradução direta do alemão: pátria, terra natal, pela nação, própria terra, ou terra-mãe. Disponível em: <<https://context.reverso.net/traducao/alemao-portugues/Vaterland>> Acesso em 29 out. 2019.



condicionada a presença de uma autoridade eclesiástica formal, como no Catolicismo romano.

O primeiro conceito é de suma importância para a compreensão das noções de nacionalidade, raça, etnia, cultura e acima de tudo, um sentimento de pertencimento a um ideal comum, ao nacionalismo alemão. Rambo (1994) estabelece esses vínculos entre o material e o abstrato, ou seja, uma cultura materializada pela música, pintura, escultura, trajes e costumes, unidos ao sentimento de nacionalidade que identifica os seus traços culturais independentes e suas características únicas e, sendo evidenciado pela manutenção da língua como traço identificador.

Promovendo, ainda para Rambo (1994), um sentimento de máxima importância, dada a língua-materna, presente nessas comunidades teuto-brasileiras. Uma bênção, para que nela cada povo se alegre. Assim está evidenciado a relação entre o conceito de *Vaterland* e *Volkstum*. Esse último, está voltado a considerar questões de nacionalidade comum e importância da língua, como um caráter de aglutinação social.

## 4 ATIVIDADE NACIONAL-SOCIALISTA EM NOVO HAMBURGO

Para uma melhor compreensão desse processo em território hamburguense, faz-se necessário uma análise conceitual e estrutural do mesmo processo na Alemanha e sua propagação, pelas diferentes regiões, da Europa e do Rio Grande do Sul. Uma análise histórica que considera, tanto o papel da propaganda e, vinculada a ela, a imprensa, como uma análise dos processos históricos, que envolveram a ascensão da ideologia nazista em regiões como o município de Novo Hamburgo.

### 4.1 Definição do processo de nazificação na Alemanha

Esse processo, ocorrido entre 1933, ano da ascensão de Hitler, até 1936, quando da ocasião dos XI Jogos Olímpicos da era moderna, e do início do processo de rearmamento das Forças Armadas alemãs. Com o início de uma agressiva política expansionista, que ocupou boa parte dos países da Europa, levou o continente e o mundo para a guerra.

Hitler e seus partidários foram aos poucos consolidando, tanto seu poder, como o status da Alemanha como uma potência mundial. Nos meses seguintes, a conquista da chancelaria, Hitler e os nazistas iniciam um processo peculiar todos os anos da história: uma política de *Gleichschaltung*<sup>35</sup>, o que caracteriza, essencialmente, o processo de nazificação da Alemanha.

Um processo de coordenação e sincronização de todas as esferas da sociedade alemã, aos ideais propostos pelos nazistas. Ou seja, a criação de métodos de controle de todos os aspectos da vida de um cidadão comum. Sob o controle do partido, todas as esferas da sociedade alemã, civil e cultural, passaram a ser controladas por regras comuns. Para Evans (2011), a ascensão de Hitler, foi nada menos do que uma resposta do povo alemão as inúmeras humilhações que sofreram depois da Primeira Guerra Mundial.

Acrescido a essa realidade, a quebra da Bolsa de Nova York, em outubro de 1929, que "[...] fez a economia alemã desmoronar com ela. Os bancos americanos

---

<sup>35</sup> A plena definição de alinhamento proposta pelo processo de nazificação da Alemanha. O controle completo de todos os ramos e esferas da sociedade, civil e cultural. Podendo eliminar toda forma de publicidade ideológica rival, dominando os veículos de comunicação e abolindo as liberdades. (EVANS, 2010, p.194)

retiraram os empréstimos que haviam financiado a recuperação econômica alemã desde 1924." (Evans, 2011, p. 24)

Juntamente com essa crise, o crescimento na descrença nos velhos partidos políticos só aumentava. Políticas de austeridade, foram tomadas pelo governo democrático alemão para tentar conter a crise. Nisso, as tensões políticas só aumentavam. Conflitos nas ruas entre social-democratas, comunistas e nazistas, causou o caos quase completo. Para Evans (2011, p. 25), o Partido se tornou, principalmente nos anos 1930, um "aglutinador de protesto social".

A criação, do que Evans (2011, p. 26), chama de "Estado policial" é a materialização dessa política de "alinhamento" social-político-ideológico. O Estado e sociedade, unidos pelo que Arendt (2012) entende por reino absoluto do terror. Uma nova forma de se compreender, e formalizar um novo pacto social. Baseado, não mais não sistema de lei e ordem, mas na união perversa entre o medo e o terror como maneira de dissuasão, e nesse caso, de aglutinação.

Um processo que resultou na aprovação, em março de 1933, do *Ermächtigungsgesetz*<sup>36</sup>, que segundo Evans (2010, p. 376), poderia ser caracterizada como uma lei plenipotenciária, e que buscava, com sua promulgação, "[...] o destino da odiada democracia da República de Weimar e completaria a obra que os nazistas haviam começado em 30 de janeiro de 1933 ao dar vida a um (governo de concentração nacionalista)".

Uma retórica "revolucionária", destruiu o zelo pela democracia e liberdades individuais. Uma ação paralela ao processo identificado por Arendt (2012), de "massificação do indivíduo", um processo que anula o respeito e a feição pelas liberdades e instituições democráticas. Junto com estas, a liberdade de imprensa, de expressão e de livre associação estavam suspensas, e junto com essas, a aprovação de uma legislação que deixava claro a intenção dos nazistas de formar um "Estado policial", com plena autoridade de prisão preventiva a todas as instituições policiais da Alemanha.

Para Evans (2010, p. 359-360):

---

<sup>36</sup> A Lei de Concessão de Plenos Poderes de 1933 também definida como Lei Habilitante de 1933, aprovada pelo Parlamento alemão, o Reichstag, e sancionada pelo presidente Hindenburg, em 24 de março de 1933. Descrita como o passo seguinte ao incêndio do Parlamento, e que proporcionou poderes plenipotenciários ao chanceler Adolf Hitler, estabelecendo assim a sua ditadura autocrática. (EVANS, 2011, p. 194)

Hitler deixou clara a intenção de proceder de forma implacável e com pouca estima às sutilezas da lei. A luta contra os comunistas, disse ele, “não deve depender de considerações judiciais”. E ofereceu aos colegas de gabinete a tentadora perspectiva de uma vitória maciça nas eleições vindouras com base no banimento dos comunistas, o terceiro maior partido da Alemanha, somado ao alarme causado no público em geral pela tentativa de incêndio.

Isso traz à tona muitas facetas do regime nazista. Arendt (2012), compreende que esse processo possibilitou às lideranças do novo sistema a se tornarem apenas executores da lei. Um controle passivo, que tornou possível uma governança por decreto, o único meio, segundo os nazistas, de se alcançar as leis positivas, que beneficiariam toda a sociedade.

Para contornar a desconfiança de setores da sociedade, e indivíduos mais velhos e cientes das políticas de Hitler, o Partido Nazista, desde o início de suas atividades políticas, promoveu a motivação de um setor, pouco considerado pela política tradicional à época: a juventude.

Brandt & Mialhe (2013) salientam a importância disso, desde os primórdios do movimento nazista. A dificuldade em tornar alemães adultos em nazistas convictos, parecia-lhes uma tarefa bem difícil de ser cumprida. Contudo, lideranças como Hitler, encontraram na juventude um baluarte a ser conquistado a qualquer custo, devido a sua importância estratégica que estas desempenhariam no convencimento das massas alemãs.

A *Hitlerjugend*<sup>37</sup>, como uma espécie de organização paramilitar buscou, no engajamento juvenil, uma de suas principais primícias, o novo pacto social que Hitler desejava aplicar na sociedade alemã. Um sujeito maleável, sem formação e nem consciência política, para os nazistas, tornou o processo de nazificação individual mais profundo. Ainda para Brandt & Mialhe (2013), essa dinâmica apresentou critérios como uma suposta pureza racial e sua preservação como quesito central desse abrupto movimento de "coação juvenil".

Ainda para Brandt & Mialhe (2013, p. 3):

Nesse sentido, a escola tornava-se o palco ideal para iniciar o trabalho de firmar na mente e nos corações dos jovens esse compromisso com a ideia e o Estado deveria assumir o compromisso de conduzir a educação, de forma a promover o aprendizado necessário para que esta conscientização em torno da raça se efetivasse de forma precisa e definitiva.

---

<sup>37</sup> Tradução direta do alemão: a Juventude Hitlerista. Foi fundada em 1922, como um braço de “cativação juvenil” do movimento nazista, que era cada vez mais popular na sociedade alemã. Atuou até os últimos dias do *Reich* de Hitler, em 1945. (BRANDT & MIALHE, 2013).

A criação de um indivíduo saudável, fisicamente, se tornou o primeiro objetivo a ser alcançado por este novo sistema de ensino, baseado em questões de raça e superioridade. O aprimoramento das faculdades intelectuais, era para Hitler, algo de importância secundária. A modelagem, submissa as ideias do partido, partia do pressuposto do desenvolvimento da vontade ideologizada, além das capacidades de tomar decisões, tudo isso envolto sob uma retórica racista é completamente fora de qualquer padrão aceitável de dignidade humana.

Para tornar a educação uma parte importante da revolução social imposta pelos nazistas, parte desse processo de nazificação, a criação de um sistema articulado foi de suma importância, e que segundo Brandt & Mialhe (2013, p. 4),

[...] o Estado deveria conduzi-la no sentido de atuar de forma decisiva na formação do indivíduo caracterizado como ser superior, o denominado Ariano. Para a formação esse indivíduo – do “super-homem” – o que deveria prevalecer não era o aprendizado intelectual, mas o aprimoramento do corpo, do caráter e da vontade; a educação intelectual seria um mero complemento.

Todo o propósito de reforçar esse Estado-nacionalista, que procurava zelar pela saúde do corpo, acabou distorcendo a realidade ao tentar sobrepujar esse primeiro conceito, ao propósito de se preocupar com preparação acadêmica dos mesmos. A "perfeição ariana" acima do conhecimento intelectual, tornou-se ativa inclusive no meio universitário. A presença marcante da educação do corpo, direcionada pelo treinamento físico, tornou-se aos poucos uma rotina curricular, inviabilizando cada vez mais a preparação abrangente dos estudantes universitários, principalmente em virtude de os treinamentos paramilitares estarem cada vez mais compulsórios nos mais diversos programas determinados pelo Partido. Brandt & Mialhe (2013, p. 17), colocam ainda que: "Essas interferências foram responsáveis pela queda dos padrões acadêmicos dentro das universidades, cujas consequências no futuro, atingiriam implacavelmente a nação alemã nos setores técnicos e culturais."

Para Brandt & Mialhe (2013, p. 20):

A sua concepção estava intimamente atrelada a concepção de mundo teorizada pelos ideólogos nazistas e por Adolf Hitler, para quem, a educação deveria servir exclusivamente para formar indivíduos fortes, saudáveis, portadores de grande capacidade e coragem para enfrentar

desafios e tomar decisões, tendo como premissa o interesse coletivo, apregoado como sendo do *völk*. No entanto, o interesse que de fato deveriam corresponder e ter como objetivo maior de suas vidas era o interesse do *Führer*.

#### 4.2 Nazificação desenvolvida nos territórios teuto-brasileiros:

Esse processo, que ocorria paralelamente ao da Alemanha, foi identificado e denunciado pela primeira vez pela imprensa de Porto Alegre. Py (1942), desenvolve, no seu relatório, a ação da imprensa porto-alegrense em chamar atenção das autoridades competentes sobre as atividades do nazismo e a gravidade dessas ações. A ação livre de muitos partidos, de ideologia estrangeira, como o NSDAP, causava enorme surpresa, e segundo o autor (1942, p. 42), "um sentimento de revolta pública".

Para as autoridades que descobriram as células do nacional-socialismo no Rio Grande do Sul, a capacidade de magnetizar os corações e as consciências, dos discursos de Hitler, foi a principal "cartada" para a edificação de uma nova Alemanha. Para eles, Hitler fora um estadista consciente, calculista, que tornou possível a projeção desses valores ideológicos para fora de suas fronteiras, buscando sempre novos métodos, para alcançar seus objetivos.

No início das Investigações, Py (1942), conseguiu apurar alguns indivíduos radicalizados na ideologia nazista. Ações que visavam o descrédito, para alguns Comerciantes da região, e postumamente, a descoberta de ações que visavam aumentar as agremiações do partido. Documentos que revelaram uma estreita relação entre o governo alemão e essa célula partidária de Novo Hamburgo.

Em Novo Hamburgo, as ações do grupo de adeptos ao nazismo, possui suas primeiras publicações datadas do final de 1933. Inicialmente, notícias de promoções culturais, exibição de filmes e confraternizações, eram mais recorrentes. Mas com o passar do tempo, as realizações dos correligionários e patrícios do *Ortsgruppe Hamburg*<sup>38</sup> deixaram de ser simplesmente culturais e passaram envolver discussão política, além das manifestações públicas. Um sentimento de nacionalismo germânico renovado com a ascensão do NSDAP ao poder em janeiro de 1933.

O processo de nazificação em território hamburguense ocorreu de maneira distinta. Primeiro a cooptação de correligionários adultos e cientes das condições

---

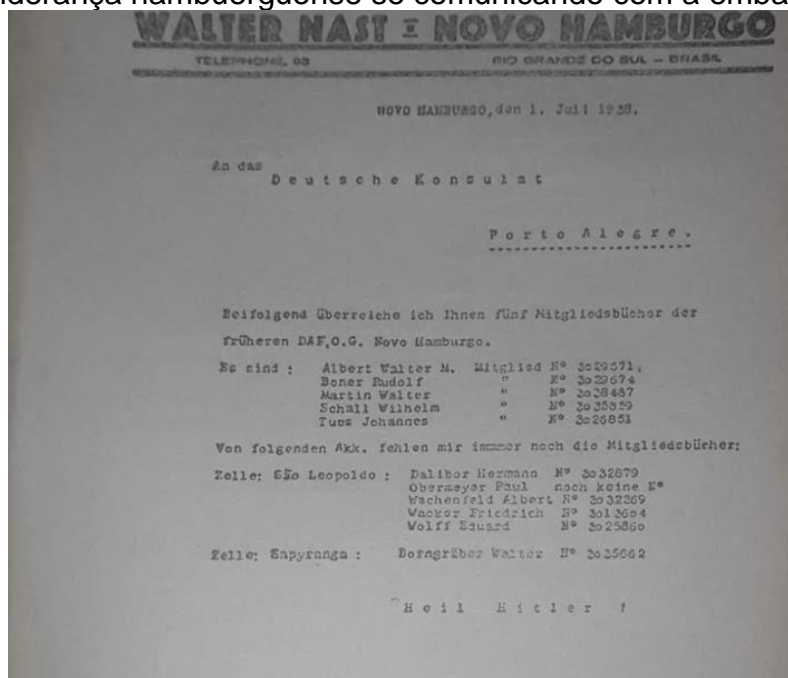
<sup>38</sup> Tradução do alemão: Grupo Local do NSDAP de Novo Hamburgo. (LUCAS, 2011, p. 138)

políticas e ideológicas. Espetáculos propagandísticos, como o cinema, discussões políticas, e publicação de discursos de autoridades alemãs corroboram essa ideia de ação contingenciada dos adeptos locais.

Um processo que a documentação identifica como um gradual aumento de partidários do *Orstgruppe Hamburg*, e de outras células próximas. A constante comunicação entre Embaixada (no Rio de Janeiro), Consulado (em Porto Alegre) e as lideranças municipais, revelam um cercamento, cada vez maior, do governo brasileiro, para com esses grupos nacional-socialistas.

A fonte mais clara sobre o número de sócios é dada em uma declaração de Walter Nast, industrial e emigrado da Alemanha em 1924. Em um interrogatório dado em 13 de maio de 1939 às autoridades da Delegacia de Ordem Política e Social, em Porto Alegre. Aqui, Nast afirma que Novo Hamburgo e suas células, de São Leopoldo, Sapiranga e Estância Velha, que formavam uma DAF (Frente Alemã do Trabalho), era composta de cerca de 90 sócios registrados. (PY, 1940)

Imagem 3: Liderança hamburguesa se comunicando com a embaixada no RJ.<sup>39</sup>



Fonte: Py (1942, p. 127)

<sup>39</sup> Tradução: Novo Hamburgo, 01 de julho de 1938. Ao consulado da Alemanha – Porto Alegre. Incluso, transmito-vos cinco carteiras de sócios da antiga DAF OG Novo Hamburgo. São as seguintes: Albert Walter M. (3029611); Boner Rudolf (3029274); Martin Walter (3038487); Schall Wilhelm (3035859); Tups Johannes (3026851); Dos Akk, abaixo faltam-me ainda as carteiras de sócios. Célula: São Leopoldo: Daliber Herman (30322879); Obermeyer Paul (ainda não tem número); Wachenfeld Albert (3032269); Walker Friedrich (3013604); Wolf Eduard (3025860); Cédula Sapiranga: Borngraber Walter (3035862); Heil Hitler! (PY, 1942, p. 127-128)

A propaganda ideológica alcançou a população hamburguesa também pelos filmes. Grande inovação, na época, foi também a forma como os nazistas, na Alemanha, realizavam suas operações de propaganda. No anúncio a seguir, a publicação de duas sessões de cinema. Dois filmes clássicos de viés propagandístico do governo nazista.

As atividades se intensificam, a partir de janeiro de 1933. Um evento, intitulado "*Fahnenweihe*, ou inauguração de estandarte do NSDAP (sector Hamb. Velho)", realizado em 14 de outubro de 1933, fora anunciado uma semana antes, na edição de 06 de outubro, com grande entusiasmo e sentimento de satisfação. Algo que demonstrou tamanho afeição, pela população local e de seus adeptos, dos propósitos ideológicos e políticos do movimento.

Imagem 4: Anúncio do evento, em alemão, na imprensa local



Fonte: O 5 de Abril: 06 out. 1933.

Imagem 5: Fotografia do evento



Fonte: Py (1942, p. 438)



### 4.3 O início das atividades e o papel da Imprensa local

Com a emancipação de Novo Hamburgo, em 05 de abril de 1927, o jornal O 5 de Abril surge em formato de semanário, como o primeiro veículo jornalístico do novo município. Sendo composto de notícias de utilidade pública e variedades.

Seu primeiro proprietário, e fundador, foi o alemão Hans Behrend, e como primeiro redator, Leopoldo Petry, figura pública importante no processo de emancipação da cidade. O jornal surge para tentar responder às necessidades da presença de um veículo de imprensa que reflita o pensamento e a identidade da comunidade. Para Behrend (2002, p. 43): "A criação do periódico veio na hora certa para uma população que ainda procurava o ritmo ajustado de desenvolvimento e organização".

Ainda Segundo Behrend (2002) o periódico foi aos poucos criando vínculos de uma identidade junto à população de Novo Hamburgo. Fatores políticos, culturais e econômicos eram projetados pela desobediência na comunidade e o inconformismo civil dos anos 1920. Ainda para o autor, um vínculo bem próximo, que a partir dos anos de 1930, integravam o jornal e a comunidade hamburguenses.

A definição de comunidade teuto-brasileira, instalada no atual município de Novo Hamburgo, passa por uma série de interpretações e discussões historiográficas sobre a caracterização desses indivíduos, enquanto sociedade "paralela", o conceito de nacionalidade desenvolvidos no Brasil, desde o fim da monarquia.

Baseado na pequena propriedade familiar, as colônias alemãs conseguiram um bom desenvolvimento. Seyferth (1993) coloca que é um perfil comum entre todas essas comunidades de imigrantes foram assentados em áreas de floresta, que acompanharam uma demarcação de lotes, que seguiam os vales dos rios, além de uma economia baseada na pequena propriedade familiar, que formavam as sociedades camponesas.

Contudo, constatou-se um problema, reconhecido principalmente durante a Primeira República no Brasil, que seria a formação dessas comunidades étnicas, que não tiveram um processo de assimilação cultural, ou seja, um elemento de discordância, que segundo Seyferth (1993) se constrói em relação ao nacionalismo formulado no início do período republicano, e nas suas consequências de dificuldades de integração desses alemães e de seus respectivos descendentes,

diante da afirmação de uma identidade étnica teuto-brasileira, que buscava a sua legitimidade no conceito de "*germanidade*".

De acordo com Seyferth (1993, p. 4),

A formação de uma cultura e de uma identidade étnica teuto-brasileira está relacionada ao processo histórico de colonização (ainda que compartilhado com imigrantes europeus de outras etnias). O que os brasileiros chamaram de 'enquistamento étnico' dos alemães pouco tem a ver com o isolamento relativo das colônias; este resultou da própria condução da política de colonização e não da livre escolha dos imigrantes.

Essa situação, traz à tona problemáticas quanto a questão étnica: uma forte organização comunitária, que resulta de respaldos ideológicos, onde todo e qualquer tipo de associação, seja ela religiosa, cultural e recreativa, deram historicamente toda a caracterização do processo histórico, econômico e social, que segundo Seyferth (1993), distinguiu essas comunidades da sociedade nacional.

Um sentimento presente, desde a fundação do Primeiro Reich alemão, de auto-identificação, presente no seio da sociedade alemã, e que junto com os imigrantes que atravessaram o Atlântico e aqui se estabeleceram, um sentimento de continuidade e de pertencimento. Uma identificação contínua e persistente com uma suposta unidade político-cultural.

Segundo Elias e Schröter (1997, p. 283),

As experiências cumulativas de fragmentação e a correspondente autoimagem dos alemães como pessoas incapazes de conviver sem discórdia e conflitos, também encontram expressão nasce nostálgico de um soberano, de um monarca, de um líder forte que fosse capaz de levar à unidade e ao consenso.

A tomada do poder por Hitler e seus partidários, e com a conquista da chancelaria alemã, em 30 de janeiro de 1933, ressignificou as atenções dos hamburgueses em relação ao cenário político internacional, muito significativa no processo de nazificação de sua elite. Da chegada ao poder, passando pela morte de Hindenburg, em agosto de 1934, até as políticas expansionistas do território alemão, todas as iniciadas e discutidas sob as páginas do semanário local, O 5 de Abril.

#### 4.4 Aprofundamento do nacional-socialismo entre os adeptos

Diante das circunstâncias, o processo de reação dos teuto-brasileiros diante da ascensão do Partido Nazista na Alemanha é tratado como uma questão ambígua no processo histórico que se desenvolveu. Para Gertz (1987), toda a significação que trouxe, e tratando como um problema real, uma grande parte da comunidade de origem alemã, que se instalou no sul do Brasil, apresentou constante negação na adesão aos ideais que estavam sendo postos em prática na velha pátria germânica.

Inúmeros casos de busca infrutífera por fomento, para sustentar as atividades políticas no Rio Grande do Sul, tornaram-se o principal argumento para a fraca atuação do partido e de seus correligionários em terras brasileiras. Em Novo Hamburgo, as sessões de cinema cantado, no Cineteatro Guarany, procuravam ser uma forma de manter viva a tradição e a cultura germânicas, sendo também utilizadas como um meio para buscar o financiamento popular para a manutenção das atividades do *Ortsgruppe Hamburg*.

Imagem 6: Anúncio da sessão de cinema, do filme “Ecos do lar”



Fonte: O 5 de Abril: 28 jun. 1935.

O novo regime político na Alemanha, foi intensamente agraciado por espetáculos culturais, nesse espaço em específico. “Conforme se verifica do anuncio que publicamos em outro local desta folha terá lugar a 29 do corrente quarta-feira proxima, no Cinema Guarany, mais um espetáculo de propaganda da nova Allemanha, sob o regimen Hitlerista”<sup>40</sup>.

<sup>40</sup> O 5 de Abril, 17 mar. 1933 (foi utilizada a grafia original).

Conferências, entre partidários e correligionários, da causa nacional-socialista, em Novo Hamburgo, discutindo questões de relevância internacional, reunião em conferências, em data e hora especificados pelos anúncios do semanário local, eram frequentes no município. Em um dia de dezembro de 1934, conferências sobre a questão do Sarre<sup>41</sup>, ocorreram na sede do NSDAP em Novo Hamburgo. Uma forma bastante clara, que evidencia a intensa atividade política nos adeptos e correligionários do nazismo em Novo Hamburgo.

A constante exaltação aos "heróis" do movimento nacional-socialista, que materializaram o ressurgimento de uma "nova Alemanha". Uma nação que seria orgulhosa por todos os seus traços culturais e sua história. Algo que também era evidenciado pelas noites recreativas, com inúmeras atrações culturais, com encontros e homenagens em sua sede, no antigo *edifício Stiff*<sup>42</sup>, na Comunidade Evangélica de Hamburgo Velho, ou nas inúmeras outras agremiações espalhadas pela cidade, e que buscavam manter um panorama de pertencimento a uma cultura germânica entre o seu quadro associativo.

Alguns levantamentos feitos em regiões de maior concentração populacional, como Porto Alegre, dão conta de que o número de membros do Partido era bastante irrisório, se comparado com o número absoluto de teuto-brasileiros residentes na localidade. Em 1933 o consulado alemão em Porto Alegre realizou um cálculo aproximado em que se constatou a presença de 30.000 teuto-brasileiros, residindo na capital gaúcha, e que desses, apenas 3.000 eram cidadãos alemães. Gertz (1987), que traz esses dados, apresenta o número baixo de correligionários do NSDAP, cerca de 120 membros, mas que conseguiu mobilizar, boa parte, dos imigrantes e descendentes do município a simpatizar com movimento de Hitler. É preciso considerar que, mesmo na Alemanha, o Partido Nazista só admitia os membros da elite econômica e aristocrática. Essa justificativa deve ser, portanto, relativizada ao contexto de cada país.

Simpatizantes do movimento nacional-socialista, e que integraram a elite econômica e política nos primeiros anos do município de Novo Hamburgo, são evidenciados por registros fotográficos. Em uma investigação, realizada nos anos

---

<sup>41</sup> Processo político que resultou em um plebiscito em 13 de janeiro de 1935, que discutia o status político da região do Sarre, na fronteira franco-alemã. Mais de 90% votaram a favor de manter-se como região do território alemão. (KERSHAW, 2010, p. 364).

<sup>42</sup> Atual Casa Lar da Menina. Foi uma instituição que nos anos 1960 e 1970 recolhia as meninas em situação de vulnerabilidade social, repassando-as para esse local. Localizada no bairro de Hamburgo Velho, e que está em processo de restauração desde 2016.

1930, o Tenente-coronel Aurélio da Silva Py apresenta em alguns registros fotográficos, a materialização da presença do movimento nazista nesta localidade.

Além do registro do evento de inauguração do estandarte local, já mencionado aqui, um outro registro, feito por volta de 1934, apresenta uma reunião de partidários nazistas em Novo Hamburgo na residência do Dr. Guenther Schinke – proeminente médico da região, fazendo carreira, depois da guerra, na Sociedade Aliança. Nesta fotografia, aparentemente, três ocupantes da Prefeitura Municipal estão retratados, juntamente com um grupo maior: Dr. Jacob Kroeff Netto<sup>43</sup>, quarto integrante da segunda fileira, de cima para baixo, Leopoldo Petry<sup>44</sup>, quinto integrante na fileira da base, e Odon Cavalcanti Carneiro Monteiro<sup>45</sup>, primeiro integrante da mesma fileira.

Imagem 7: Reunião na casa do Dr. Schinke (destaques meus)<sup>46</sup>



Fonte: Py (1942, p. 439)

No oitavo registro fotográfico algo bastante incomum é retratado, uma manifestação pública, uma cerimônia nazista, também nessa localidade, mas num espaço não-identificado, da célula hamburguense, realizada por volta de 1934. O

<sup>43</sup> Intendente provisório de 05 de abril à 04 de junho de 1927.

<sup>44</sup> Intendente eleito. Governou de 05 de junho de 1927 à 10 de dezembro de 1930.

<sup>45</sup> Prefeito municipal de 31 de dezembro de 1937 à 25 de setembro de 1942. Ref: <<https://portal.camaranh.rs.gov.br/municipio/prefeitos>> Acesso em 20 out. 2019.

<sup>46</sup> 1: Dr. Jacob Kroeff Netto; 2: Leopoldo Petry; 3: Odon Cavalcanti Carneiro Monteiro.



quarto registro, apresenta uma festa nazista junto ao Monumento da Imigração Alemã<sup>47</sup>, localizado na atual Sociedade Aliança, em Hamburgo Velho. Sua relevância se mostra bastante contundente já que todos os grandes eventos públicos do *Ortsgruppe Hamburg* do NSDAP ocorriam nas dependências dessa sociedade.

Imagem 8: Manifestação nazista em público, no município de Novo Hamburgo



Fonte: Py (1942, p. 439)

---

<sup>47</sup> Inaugurado em 15 de novembro de 1927, elaborado pelo arquiteto alemão Ernest Karl Ludwig Seubert, emigrado para o Brasil em 1913. Em 1950 o local passou a pertencer à Sociedade Aliança, uma fusão entre as sociedades: Gesangverein Frohsinn (coral), América Tênis Clube (tênis) e a Sociedade Atiradores de Hamburgo Velho (tiro). Ref. <<https://www.martinbehrend.com.br/noticias/noticia/id/2859/titulo/tecnicos-da-prefeitura-vistoriam-monumento-ao-imigrante-visando-a-restauracao>>. Acesso em 19 out. 2019.

Imagem 9: Manifestação nazista no Monumento da Imigração Alemã



Fonte: Py (1942, p. 439)

#### **4.5 Visão das autoridades sobre a presença de partidários em Novo Hamburgo**

As autoridades viam esse avanço da ideologia nazista pelas localidades teuto-brasileiras com bastante receio. O clímax do processo de germanidade, enfrentado pelas autoridades brasileiras desde o início da imigração, no início do século XIX. A não-integração desses alemães e seus descendentes, provocou a continuidade da cultura e das tradições alemãs, ou aquilo que, distanciados da Pátria-mãe, imaginavam ser as tradições alemãs.

Na educação, algumas conferências realizadas pelo governo brasileiro, davam conta de uma presença muito forte da ideologia nazista nas escolas do Rio Grande do Sul, principal região de imigração alemã no Brasil. Uma denúncia partindo do secretário de educação do Rio Grande do Sul, o advogado José Conceição Pereira Coelho de Souza (1898-1982), realizada numa conferência para Associação Brasileira de Educação, no Rio de Janeiro, em novembro de 1941, davam conta da forte presença do ideário nazista nas escolas.

O relato pessoal, que foi transformado em livro, J.P. Coelho de Souza, dá conta de sintetizar a importância da atuação do Estado Novo (1937-1945) no Rio Grande do Sul. Apresentando a situação, que outrora foram estabelecida com a ascensão de Hitler ao poder, classifica a situação como um "problema gravíssimo e

de difícil solução" (1941, p.14), acusando os observadores que negam tal situação, de simplistas ou mal-intencionados, que supostamente não consultam à realidade.

Imagem 10: Convite para noite recreativa e conferência sobre história alemã



Fonte: O 5 de Abril 19 mai. 1936.

Com uma nota explicativa, em outra parte da mesma edição, os editores do jornal dão mais detalhes sobre o evento. O núcleo do NSDAP da cidade juntamente com a União Beneficente Educativa Alemã, ou *Deutsche Arbeitsgemeinschaft*<sup>48</sup>, convidou para dois eventos: o primeiro, de caráter recreativo, que ocorreu no dia 21 de maio. E o segundo, ocorrido no sábado seguinte, dia 27 de maio, na sede do partido, para uma conferência sobre a história alemã, ministrada pelo professor Strecker, da *Escola Normal Catholica de Hamburgo Velho*, atual Colégio Santa Catarina.<sup>49</sup>

A língua, os hábitos e as artes alemãs, são vistos como a principal característica desta resistência ativa. Encabeçado com maior preponderância, pela Igreja Luterana alemã, que buscava em seus púlpitos a manutenção das tradições características do povo alemão.

Um grupo em que, possuía uma célula perigosa, composta de uma minoria de indivíduos teuto-brasileiros, retratada como composta por correligionários nacional-socialistas. De acordo com Coelho de Souza (1941, p. 19):

<sup>48</sup> Tradução do alemão: Comunidade de Trabalho Alemã. Inicialmente denominada *Deutsche Berufsgruppen*, ou Grupos de Trabalhadores Alemães, foi liderada, desde 1934, por Ernst Dorsch, autoridade da Embaixada alemã em Porto Alegre. (GRÜTZMANN, 2017, p. 277).

<sup>49</sup> Reconhecida como a mais antiga escola de Educação Básica da cidade, começou suas atividades em 1900, sob tutela das Irmãs de Santa Catharina, localizada no bairro Hamburgo Velho. Disponível em: <[https://www.jornalnh.com.br/\\_conteudo/noticias/regiao/2019/07/2447226-colegio-santa-catarina-celebra-aniversario-e-lanca-selo-comemorativo.html](https://www.jornalnh.com.br/_conteudo/noticias/regiao/2019/07/2447226-colegio-santa-catarina-celebra-aniversario-e-lanca-selo-comemorativo.html)>. Acesso em 22 out. 2019.



Não é exagero na expressão, que fere os nossos ouvidos brasileiros que repugna o nosso espírito democrático: é um grupo nazista na ideologia, nas ligações com a chefia europeia, nos processos; célula caracterizada de quinta coluna em organização. Compre mostrar aqui, a sua organização, as suas origens, o seu espírito, e, ainda, como o Governo do Estado o combateu, através da Chefia de Polícia da Secretaria de Educação.

As autoridades estavam cada vez mais receosas, pois com uma ação inicial praticamente nula, acabou não provocando nenhuma represália da parte do governo, ou da sociedade. Talvez essa ideia possa ser justificada de outra forma: o alinhamento, quase perfeito, entre o regime varguista e a Alemanha nazista, que possa ter provocado esse aparente silêncio por parte das autoridades governamentais.

Ainda segundo Coelho de Souza (1941, p. 22):

A ação germanizadora do nazismo introduziu-se profundamente no seio da chamada população teuto-brasileira, presa, desde logo, cobiçada e reputada por eles mesmos de valor sem igual. Para tanto, dominaram as escolas particulares, às centenas espalhadas pelo Estado.

As escolas, passadas por essas dominações, iniciavam um processo de catequização de seus alunos. Segundo Coelho de Souza (1941), após a conquista desses agentes juvenis, suas respectivas famílias iriam junto. As subseqüentes associações desportivas e recreativas espalhadas por todo o estado, as sociedades alemãs, estariam aos poucos sendo dominada pela ideologia nazista. Para o autor, esse processo é exemplificado pelo fato de que depois que a sociedade se importou com essas ações, e começavam a construir entidades denominadas *Verband Deutscher Vereine*, instituições ligadas ao propósito de propagar a ideologia nazista. Considerados verdadeiros atentados a soberania brasileira, a atuação política de inúmeras autoridades religiosas, circunscritos entre os pastores da Igreja Evangélica Alemã, tendo a polícia, supostamente surpreendido muitos desses clérigos, realizando plena atividade política em seus púlpitos. E a partir de um tripé ideal, Coelho de Souza, apresenta a Escola, a Sociedade e a Igreja como uma fórmula ideal de penetração política do nazismo no Rio Grande do Sul, especificamente.

## 5 CAMPANHA DE NACIONALIZAÇÃO VARGUISTA: O FIM DO NAZISMO EM NOVO HAMBURGO

### 5.1 Contexto histórico brasileiro nos anos 1930

Os anos 1930 foram marcados por inúmeros processos históricos e políticos que agitaram o cotidiano de todo o Brasil. Uma lógica oligárquica que é derrubada pela Revolução de 30, que colocou, com uma aliança política, Getúlio Vargas no poder. Uma eleição, ocorrida naquele ano, que com certeza cumpriu, segundo Schwarcz & Starling (2015, p. 351), o "fim de uma era".

O equilíbrio político, estabelecido desde a fundação da República, com o golpe de 15 de novembro de 1889, que selou o fim do regime monárquico no Brasil, procurou manter o equilíbrio das forças políticas no Brasil daquele momento. Um arranjo entre o governo federal e as elites regionais.

Napolitano (2018), entende a Revolução de 1930 e a consolidação de Vargas no poder, possibilitou o abrir as portas para um "Novo Brasil", repleto de continuidade e rupturas com o período predecessor. Um processo repleto de divergências em dois grupos que tomaram o poder. Para os tenentes, remanescentes do 18 do Forte<sup>50</sup> a ideia de consolidar um governo centralizado, como a intervenção do mesmo na economia, e com uma prerrogativa de tutelação da sociedade civil. Já o grupo de descendentes da oligarquia do café era composto por liberais reformistas e por setores conservadores do Rio Grande do Sul, que viam no federalismo impostas no primeiro ciclo Republicano no Brasil, o caminho mais viável.

Fausto (2006), corrobora com a ideia de que o movimento, trazido pela Revolução de 1930, legitimou a continuidade de Getúlio Vargas no poder por quinze anos. Considerando-o a figura política mais importante do século XX, no Brasil. Apanhado então pelos tenentes, Vargas inicia a remodelação do Estado brasileiro, por meio da centralização política, rompendo com os velhos moldes. Uma

---

<sup>50</sup> Também conhecida como revolta do Forte de Copacabana, iniciou-se em 5 de julho de 1922, e durando apenas um dia foi a primeira revolta do conhecido o movimento tenentista, no contexto da Primeira República, ocorrida no Rio de Janeiro, então capital da República brasileira. Entre suas reivindicações, estava o fim do regime oligárquico que caracterizou os primeiros anos republicanos do Brasil, que atrelados aos interesses de grandes latifundiários e fazendeiros, que fazendo uma posição ao ideal de democracia defendido por alguns setores das Forças Armadas, em especial de hierarquias menores, como soldados, cabos, sargentos e tenentes. (SCHWARCZ & STARLING, 2015, p. 347)

reestruturação completa da administração do Estado brasileiro – o federalismo pelo centralismo. Assim sendo, de 1930 a 1934, um Governo Provisório, foi instalado no Governo Federal, no Rio de Janeiro – um período de transição política. Schwarcz & Starling (2015), apresentam que os poderes acumulados pelo Executivo em todas as esferas da administração governamental. Pela primeira vez, desde a Constituição de 1824, todos os postos de governo no país estavam ocupados por civis e militares não eleitos. Para as autoras (p. 361-362):

Vargas não pretendia pôr em risco sua própria conquista. Estava claro que, se promovesse eleições, as elites regionais, cujas estruturas de mando na esfera estadual permaneceram intactas. Para institucionalizar a nova ordem, seria preciso transformar o sistema político e consolidar um amplo programa de reformas sociais, administrativas e políticas. O projeto era um ambicioso, não podia ser executado da noite para o dia, mas nem o próprio Távora poderia prever que a ditadura que defendia, em 1930, se estenderia por quinze longos anos, com um breve interregno constitucional de 1934 a 1937.

No campo educacional também foi outra pauta prioritária dos vencedores de 1930. Para Fausto (p. 336), o principal objetivo "[...] era o de formar uma elite mais ampla, intelectualmente mais bem preparada." Durante os anos 20, e mesmo antes, foram realizadas várias tentativas de reforma educacional, com muitos debates entre liberais, conservadores, Estado e Igreja Católica, que resultou, entre outras, na criação da Associação Brasileira do Educadores (ABE), em 1924, na Liga Educacional Católica (LEC), que patrocinou embates com o grupo do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932), pela hegemonia do capítulo educacional na constituição de 1934.

Todavia, a partir de 1930, as medidas tomadas criaram no sistema educativo, uma estrutura hierarquizada do centro para a periferia. A burocratização, com a criação de esferas hierárquicas para o ensino, pelo Ministério da Educação e Saúde, em novembro de 1930, por exemplo, que possibilitou uma profunda reforma em 1942, conhecida como Reforma Capanema, foi a solução encontrada para centralizar o poder decisório do sistema de ensino.

Ainda segundo Fausto (2006, p. 337):

É costume apontar a inspiração fascista das iniciativas do governo Vargas na área educativa. Lembremos, porém que nessa área, como em outras, o governo adotou uma postura autoritária e não-fascista. Ou seja, o Estado tratou de organizar a educação de cima para baixo, mas sem envolver uma grande mobilização da sociedade; sem promover também uma formação

escolar totalitária que abrangesse todos os aspectos do universo cultural. Mesmo no curso da ditadura do Estado Novo (1937-1945), a educação esteve impregnada de uma mistura de valores hierárquicos, de conservadorismo nascido da influência católica, sem tomar a forma de uma doutrinação fascista.

Para autores como Schwarcz & Starling (2015) e Santos (2012), o entendimento do regime do Estado Novo pode ser caracterizado como um fascismo "à brasileira", ou "nosso pequenino fascismo tupinambá", fazendo uso das palavras de Graciliano Ramos para identificar os traços fascistas do regime varguista, se tornou muito comum entre os círculos acadêmicos que discutem a questão. Schwarcz & Starling (2015), ainda complementam que a legitimidade desse regime partia de seus próprios agentes em associar a figura do ditador com a imagem do líder e como a representação da nação.

O ataque ao liberalismo, e a exaltação inicial com o totalitarismo fascista, define, para Santos (2012), uma política externa totalmente extremada, levando a simpatia, num curto espaço de tempo, para dois lados oposto do campo político: a Alemanha nazista, e os Estados Unidos.

Passada essa primeira fase, mais conturbada da afirmação revolucionária, que pôs fim ao regime oligárquico, na República brasileira, dois temas não passavam sequer pelas decisões da Presidência da República, para Schwarcz & Starling (2015), a convocação de uma assembleia constituinte e a data para uma nova eleição presidencial não eram consideradas importantes pelo governo. Não havia nenhuma fé na democracia do Brasil a ser supostamente restaurada por Vargas. A refundação da República foi prometida, reformas estruturantes foram aplicadas, porém, para as autoras, a classe política responsável pela institucionalização dessas mudanças, não tinha origem democrática e nem vocação para a democracia.

Juntamente com a nova Constituição, aprovada em 1934, e que marcou as eleições presidenciais para o final de 1938, duas outras revoluções pairavam na conjuntura política, a Revolução Constitucionalista de 1932, ocorrida em São Paulo, formada por ligas pró Constituição, que tiveram êxito na convocação da constituinte de 1933, mas sofreram, segundo Napolitano (2018), uma repressão coletiva para apaziguar a oligarquia paulista.

O levante comunista de 1935, que foi uma tentativa de levante popular que uniu a Aliança Nacional Libertadora (ANL) e o Partido Comunista Brasileiro (PCB),

contra um possível governo autoritário, que estava sendo modelado por Vargas. Em julho daquele ano, a radicalização do movimento levou o Brasil ao estado de sítio, e à suspensão dos direitos constitucionais. A repressão política foi, novamente, a única resposta do governo, aos apoiadores da ANL. A criação do Tribunal de Segurança Nacional (TSN), como resposta imediata aos levantes, foi o prelúdio da gestação do Estado Novo, deflagrado à 10 de novembro de 1937.

## **5.2 O golpe de 10 de novembro de 1937: a criação do Estado Novo**

A preparação do famigerado “autogolpe”, que concentrou os poderes nas mãos de Vargas, foi baseado por posicionamentos de intelectuais de vertente autoritária, dos quais destacam-se Oliveira Viana (1883-1951), Francisco Campos (1891-1968) e Azevedo Amaral (1881-1942). Estes, por sua vez, observavam a necessidade da promoção de reformas estruturais no Estado a partir da centralização do poder.

Para Napolitano (2018), a centralidade dessa argumentação autoritária, construída a partir desse autogolpe, estava alicerçada, na capacidade do Estado de modernizar a sociedade, na direção da industrialização, por uma via tutelada. Uma condução, realizada por um governo forte para evitar conflitos que poderiam ameaçar a ordem. Nesse projeto, a submissão completa das oligarquias regionais ao poder central seria um fator determinante. A busca de uma liderança forte, com uma chefia carismática, para não haver questionamentos futuros das decisões governamentais.

A base política do Estado Novo, era uma lógica que a girava em torno da figura de Vargas, mas quem necessitava do apoio das Forças Armadas para ter boa base de sustentação política. Com a submissão completa das oligarquias, a força nos Estados foi mantida. Acordos são feitos, e o poder é distribuído. A tarefa do Estado passa a ser a industrialização, sem a constante ameaça da estrutura agrária, sustentada pelas oligarquias.

Toda essa realidade nacional, foi transmitida pela imprensa hamburguesa aos seus cidadãos. O início da campanha de nacionalização já era uma realidade quando ocorreu o golpe de 10 de novembro de 1937. A constante “ameaça” do

bolchevismo soviético<sup>51</sup> e da Ação Integralista Brasileira – AIB<sup>52</sup>, eram constantemente noticiadas.

Um autoritarismo que torna possível a modernização conservadora, não remetendo-se ao liberalismo, considerado característica fundamental das oligarquias; e ao mesmo tempo, combatia os modelos de ampla reforma social, defendidos pelas esquerdas. Uma corrente que não apostou em um partido, como o fundamento da mobilização das massas, como nos regimes fascistas da Europa, mas sim no Estado, e no esclarecimento de alguns indivíduos.

Fausto (2006), complementa essa ideia com a formulação de um plano de centralização, a partir da carta de 1937, que torna oficial, a tomada do poder, de maneira autoritária por Getúlio Vargas. Segundo Fausto (2001, p. 22):

A instituição do Estado Novo representou a vitória dos ideais autoritários e a derrota dos liberais, que concorreram desastrosamente para o golpe. A aventura da Insurreição de 1935 marcou o fracasso dos comunistas e o início de uma dura repressão, enquanto o integralismo, como movimento, desaparecia de cena com o remendo golpista de 1938.

### 5.3 O Estado Novo em território hamburguense

Em âmbito do golpe de Estado, em 10 de novembro de 1937, como assinalou Lauerhass Jr. (1986, p. 132) foi: "[...] o fim de uma vigorosa competição entre nacionalistas e liberais, [...], e introduziu com o Estado Novo, uma nova fase no desenvolvimento do nacionalismo brasileiro e no regime de Vargas."

Em Novo Hamburgo, todas as localidades com forte presença da imigração alemã, o processo de nacionalização do cotidiano educacional e cultural se materializou de maneira abruptamente distinta de outras regiões do país. Com os costumes, traçados por uma linha ideológico-nacional, os teuto-brasileiros se distinguiram dos outros povos presentes no Brasil, juntamente com seu sentimento de pertencimento aos costumes, ideais e a língua alemães. Uma região em que, influenciada por diferentes zonas culturais, europeias, em sua maioria, e que se estabeleciam de forma isolada aos hábitos urbanos, conservando, segundo Campos (2006, p. 83), "[...] as suas tradições e comportamentos muito semelhantes aos de sua pátria de origem."

---

<sup>51</sup> O 5 de Abril: 10 jul. 1936.

<sup>52</sup> Ibidem: 25 out. 1935.

O perigo que possivelmente poderiam trair a nova identidade nacional, já que possuíam interesses, sejam eles políticos, econômicos ou culturais, diferentes dos buscados pelo Estado Novo. Vargas estava empenhado em centralizar o Estado, em acabar com o federalismo, com os regionalismos, impondo a língua portuguesa, especialmente aos imigrantes alemães, italianos e a seus descendentes. Projeto que incluía o fechamento das escolas comunitárias alemãs, transformando-as em escolas públicas. Um processo que legitimou o novo regime, desarticulando os poderes estaduais e municipais, marcada por quarenta anos de federalismo "às avessas", segundo os revoltosos de 1930, que refizeram, tanto a economia quanto a cultura nacional, impedindo a proliferação de ideologias estrangeiras como o nacional-socialismo.

Schwartzman, et al, (2000), ao fazerem uma análise sobre um projeto de integração da cultura nacional que, nos tempos de Gustavo Capanema o ministro da pasta da Educação e Saúde Pública entre 1934 e 1945. Na pasta, introduziu uma política com a perspectiva de consolidar este novo "projeto civilizador" e com o propósito de defender os "interesses nacionais". Um novo civismo, que deveria se espalhar pelo país, promovendo a homogeneização de todos os grupos que compunham a sociedade brasileira, inclusive os "destoantes", em outras palavras, os adeptos e correligionários do nacional-socialismo.

A política do Rio Grande do Sul já havia sido seriamente alterada desde o início da Segunda República, com a Revolução de 1930. Pesavento (1992), coloca que o poder seria ocupado, no Estado Novo, por Interventores federais, nomeados diretamente por Vargas para ocupar o Executivo gaúcho, tomando todas as decisões pertinentes e alinhando-se, politicamente com o Governo Federal. Até o golpe de 10 de novembro, o Governo do estado estava sendo ocupado pelo General José Flores da Cunha (1880-1959), que ocupou o cargo, como Interventor Federal, de 28 de novembro de 1930 até abril de 1935, e como governador eleito por sufrágio universal, de abril de 1935 até 16 de outubro de 1937. A partir deste momento, até 1946, todos os governadores do estado seriam nomeados pelo Governo Federal.

Utilizando-se de um instrumento formado ainda no período anterior, a Frente Única Gaúcha (FUG), criada em 1929, e que reunia o Partido Republicano Rio-grandense (PRR) e o Partido Libertador (PL). Para Pesavento (1992), o propósito da Frente, inicialmente, seria superar as divergências políticas para formar uma

legislatura coesa e articulada, atendendo aos propósitos da elite estancieira e agropecuária do estado.

### 5.3.1 A campanha de Nacionalização

#### 5.3.1.1 Na política

No campo da política, desde o início da chamada "Era Vargas", os rumos da mesma, em âmbito nacional, tiveram significativas mudanças. Nunca antes, desde a Constituição de 1824, o governo federal, ou central - na monarquia - deteve tamanha concentração, nas mãos de um proeminente mandatário, neste caso, o Presidente da República. Um processo caracterizado por Lauerhass Jr. (1986, p. 94) como sendo "[...] à intromissão do nacionalismo na esfera da política prática, [...]", algo que precedeu a política federalista, da Primeira República, e que permaneceu ávida nos anos 1930.

Ainda para Lauerhass Jr. (1986, p. 101):

Com quanto a própria versão pragmática nacionalista de Getúlio Vargas só se concretizasse inteiramente como um todo coerente depois de seu Triunfo formalmente marcado pela instituição do Estado Novo, suas principais tendências ideológicas e políticas já estavam discerníveis desde 1930. Por sua natureza prática e não-machadista, borgista, do homem forte, vigorante no Rio Grande do Sul - internado para a autocracia, Getúlio se colocou à frente da marcha dos acontecimentos políticos no fim da década de 1920 e se manteve no rumo que ela tomou durante os cinco lustros seguintes.

Na política nacional, que começou a ter traços de movimentos nacionalistas "intrusos" a realidade nacional, como o comunismo e o fascismo - em conjunto com o nazismo, a partir de 1933, que buscavam alterar os rumos naturais de boa parte do mundo. Além da atuação direta, os dois primeiros casos: o comunismo e a criação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) em 1922, e do fascismo, com a criação da Ação Integralista Brasileira (AIB), de 1932, tornou-se necessária uma ação direta por parte do governo para barrar a adesão ideológica desses totalitarismos. Segundo Laerhass Jr, (1986), o grande apelo - e que certamente pode ser aplicado a popularização do movimento nazista - poderia residir no fato dessas organizações serem altamente organizadas, no campo hierárquico, e dogmatizadas, no campo político.



O controle da opinião pública seria o centro da censura institucionalizada, durante o Estado Novo. Vargas criou, ao longo dos quinze anos que se manteve no poder, de forma ininterrupta e não-democrática, várias instituições com o objetivo de tornar a opinião pública a favor do governo, Fausto, descreve que três principais instituições surgiram como propósito de controlar todos os veículos de comunicação de massa, controlando assim a opinião pública.

Em 1931 surge o Departamento Oficial de Publicidade, que dura até 1934, quando no Ministério de Justiça criou o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, atuando nisso até dezembro de 1939, quando entra em cena uma organização que possuiu uma estrutura que representou, verdadeiramente, um ministério da propaganda, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Todas as ações do Serviço Nacional de Propaganda, como a publicação de matérias que contribuíam com essas pautas do governo Federal.<sup>53</sup>

A atuação de Vargas, desde os primeiros movimentos da Segunda Guerra Mundial, tornou-se visível no semanário hamburguense. A quantidade das notícias, sobre fatos ocorridos na Europa, diminuiria consideravelmente a partir da imposição de Cordeiro de Farias, de censurar qualquer discussão sobre o conflito em regiões de colonização alemã e italiana, da qual nota-se uma preocupação real com a famigerada ameaça de uma conspiração nazista.

Mas, para Fausto (2006), o Estado Novo, não promoveu perseguições indiscriminadas contra esses grupos e seus opositores. Seus agentes e autoridades percebiam a importância de atrair a elite letrada para seus propósitos. Por isso, autoritários, católicos, integralistas, e no contexto das comunidades teuto-brasileiras - incluindo especialmente Novo Hamburgo - partidários e correligionários do movimento nacional-socialista, que embora perseguidos ideologicamente, poderiam servir a causa da nacionalização da sociedade brasileira. A busca por novas bases, e instigando a unidade nacional para construir uma "[...] ordem não dilacerada pelas disputas partidárias" (p. 376).

### 5.3.1.2 Na educação

O principal operador do processo de nacionalização da educação, no Rio Grande do Sul, o advogado J.P. Coelho de Souza, foi um ardiloso agente do Estado

---

<sup>53</sup> SCHWARTZMAN, Et. al., 2000, p. 106.

Novo na constante busca por eliminar o que Lauerhass Jr. (1986) chama de “nacionalismos estrangeiros”. Comandando a própria pasta da Educação e Cultura, denunciou a presença ideológica do nazifascismo em escolas do estado.

Este, por sua vez, tornou-se uma figura central no processo de "abrasileiramento" da educação regional. A campanha de nacionalização, parte do pressuposto do ensino-aprendizagem, principalmente em instituições confessionais protestantes, e escolas particulares. Em Novo Hamburgo, esse papel era executado pela Fundação Evangélica da cidade, então nomeada "*Evangelisches Stiff*", que teve inclusive seu letreiro alemão retirado de sua fachada, e que procurava em seu plano de estudos, enaltecer valores tradicionais e a língua alemães, generalizados em muitas escolas e comunidades teuto-brasileiras.

Para Py (1942), a língua, nessas circunstâncias, poderia ser tratada como um fator decisivo para o sucesso do "imperialismo nazista", algo de suma importância, tratado inclusive em círculos teuto-brasileiros de trabalho, como algo relativo à sua própria existência. Uma comunidade que se enxergava como independente, não desejando a integração, e salientando sempre a necessidade de não mudar a sua conduta básica sobre essas prerrogativas do ensino. A “conservação étnica” é colocada como central para esses grupos teuto-brasileiros.

A problemática da integração nacional é vista por Campos (2006), como uma consequência direta da autossuficiência, conquistada por esses grupos, mesmo em regiões mais afastadas dos grandes centros urbanos. No início, uma atividade voltada para a subsistência e autonomia, como a busca pela diversidade de produção, que poderia, ou não, complementar, inclusive, a própria alimentação diária.

Mas, como Novo Hamburgo sempre teve a vocação industrial, a direção foi tomada para o lado oposto. Uma indústria coureiro-calçadista, que desde as primeiras ocupações alemãs, no início do século XIX, já davam sinais claros dos rumos econômicos que a região e iria tomar para si.

A perspectiva de importância da manutenção de traços identitários e culturais, aos poucos, se tornou uma realidade visível em comunidades, como a de Novo Hamburgo. A língua, se insere nessa busca por manter sua identidade alemã. Os processos de alfabetização, praticados nessas “escolas étnicas” obedeciam a essa diretriz. Campos (2006), analisa, sobre o modo como era feita a leitura, no início dos tempos modernos. A partir de um pressuposto privativo, ou seja, um processo que

torna aos poucos a leitura uma prática muito pessoal, em oposição as práticas coletivas praticadas em regiões da Europa, ainda no século XX. Com uma intenção alegórica e que constantemente é referendada como prática comum entre essas comunidades teuto-brasileiras.

Essa forma de entender a necessidade da manutenção da cultura linguística alemã, reflete na caracterização da importância da língua germânica no semanário O 5 de Abril, e no plano de estudos de instituições teuto-brasileiras, como a já citada Fundação Evangélica de Novo Hamburgo. A mudança súbita dessa prática cultural é visível na análise do jornal hamburguense. Além de, em determinado momento, não serem mais publicados comunicações do NSDAP da cidade, as publicações, outrora escritas em alemão, passaram a inexistir nos editoriais.

Atendendo as imposições do Governo Federal, o projeto de nacionalização da Educação, promovido pelo ministro Gustavo Capanema, foi estruturado, segundo Schwartzman et al. (2000), sob três perspectivas: a primeira era de inserir um conteúdo nacionalista à educação escolar, heróis e o culto individual às instituições e autoridades da nação. A segunda perspectiva seria caracterizada pela uniformidade curricular, uma padronização de materiais didáticos, com a criação de um sistema de controle e fiscalização efetivos sobre esses materiais distribuídos. Formalizando a terceira perspectiva: a “segurança nacional” ao perigo dos nacionalismos estrangeiros.

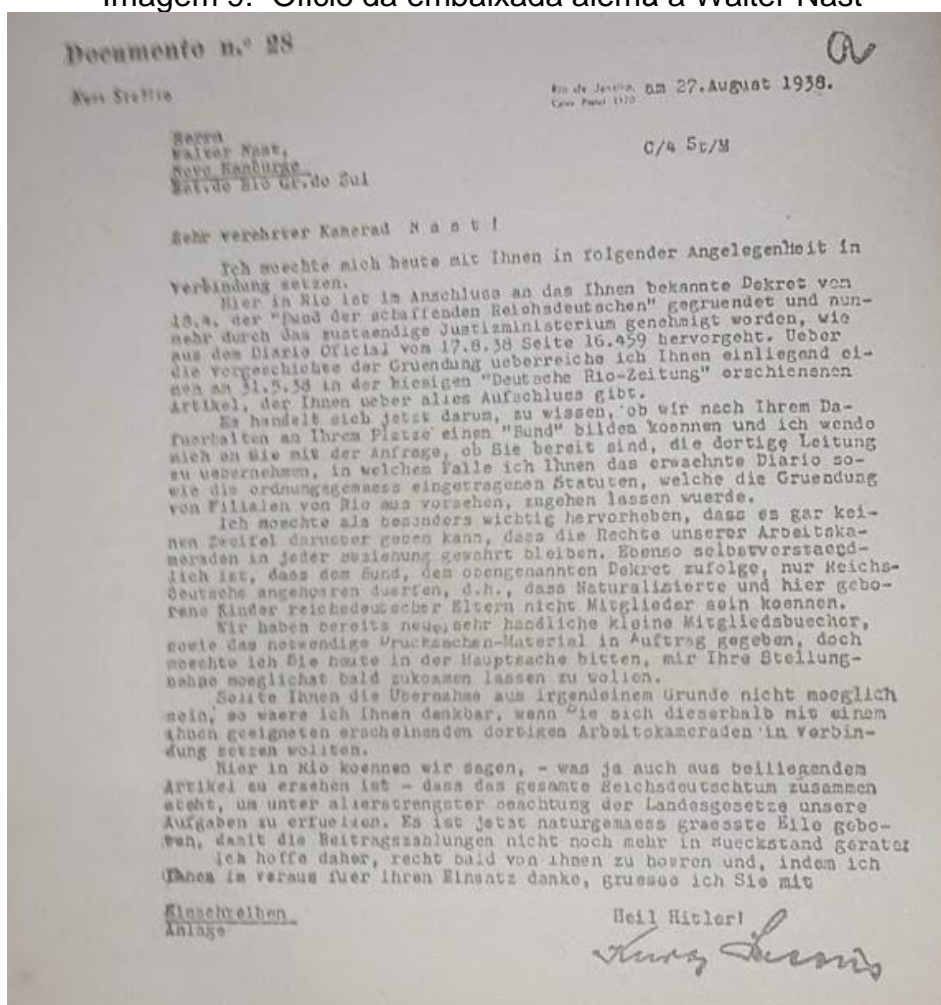
O decreto-lei 383, de 18 de abril de 1938, acabou formalizando todas as prerrogativas de nacionalização política e educacional do Estado Novo. A proibição de estrangeiros, residentes no Brasil, de realizar qualquer manifestação e a atividade política no Brasil. Publicado pelo semanário hamburguense em 22 de abril, deixava claro que o futuro da célula do NSDAP na cidade estava fadado ao fim de suas atividades.

As associações, clubes e outros grupos teuto-brasileiros, já citadas no segundo capítulo, como a Sociedade Ginástica, o Grêmio Atiradores e as próprias comunidades luteranas, continuariam a existir, mas com todas as cautelas possíveis, pois qualquer denúncia, poderia ser o fim da agremiação.

O financiamento, dado diretamente do governo alemão para sustentar a defender a causa dos correligionários do movimento nacional-socialista no Brasil, comprovadas por inúmeros documentos, catalogados e traduzidos por Py (1942). O documento número 28, datado de 27 de agosto de 1938, atesta a preocupação das

autoridades do partido, em diferentes instâncias hierárquicas, sobre este decreto-lei. Uma comunicação entre *Walter Nast*, o diretor-chefe do *DAF Ostgruppe Hamburg*, e de suas respectivas células de São Leopoldo, Sapiranga e Estância Velha, com Kurt Steffin, autoridade da embaixada alemã no Rio de Janeiro.

Imagem 9: Ofício da embaixada alemã a Walter Nast



Fonte: Py (1942, p. 124)

Um documento que também deixa claro a preocupação dos correligionários hitleristas com a campanha de nacionalização política e educacional promovida por Getúlio Vargas. A respectiva queima de material propagandístico, que "supostamente" teria algum viés político, também era uma preocupação dos indivíduos que se comunicavam por esta carta.

Uma preocupação cada vez maior das autoridades governamentais, para um possível "atentado à soberania nacional". Cenas, consideradas intrigantes, que foram capturadas em imagens, por todo o Rio Grande do Sul, mostram inúmeras

instituições de ensino, cultuando os símbolos nazistas. Crianças que em 1937, recebiam o cônsul alemão Dr. Friedrich Ried<sup>54</sup>, saudando-o com a característica saudação de braço levantado. Cenas atordoantes que promoveriam a necessidade imediata da nacionalização do ensino.

A busca pelos princípios da verdadeira brasilidade, segundo Coelho de Souza (1941, p. 64), iniciada com a campanha de nacionalização, em abril de 1938, buscou por suas autoridades: dar fim ao movimento teuto-brasileiro, como fundamento histórico, não dando mais, ao mesmo, um fundamento jurídico, caracterizando sua movimentação como um "[...] processo de subjetivação da nacionalidade que se formaram no país - quando aqui chegaram os primeiros imigrantes."

Vargas, a partir da instalação do Estado Novo, utilizou vários "decretos-lei", expedidos com a ciência do Ministério da Justiça, para promover o processo de "Nacionalização do ensino". Escolas que antes se utilizavam das prerrogativas do pertencimento cultural, e da manutenção das tradições, também mantinham o currículo estruturado a partir da língua vernácula, praticada entre os colonos da região, que, no caso de Novo Hamburgo, contribuía e reforçava a manutenção de traços culturais e língua alemã que eram, em última instância, interdependentes.

Além do já citado decreto-lei nº 383, alguns outros seguiram essa linha, preocupados com a educação e a cidadania brasileiras. Com o decreto-lei de 25 de abril de 1938<sup>55</sup>, o governo buscava regular a definição de nacionalidade brasileira, a quem estava limitada, e os procedimentos legais para requerê-la. Em 04 de maio<sup>56</sup>, mais um decreto-lei que dispunha sobre a entrada de estrangeiros no território nacional, e prevendo, a partir do seu artigo 85, o início definitivo do processo de "Nacionalização da educação", estabelecendo aqui, o ministério das aulas em português.

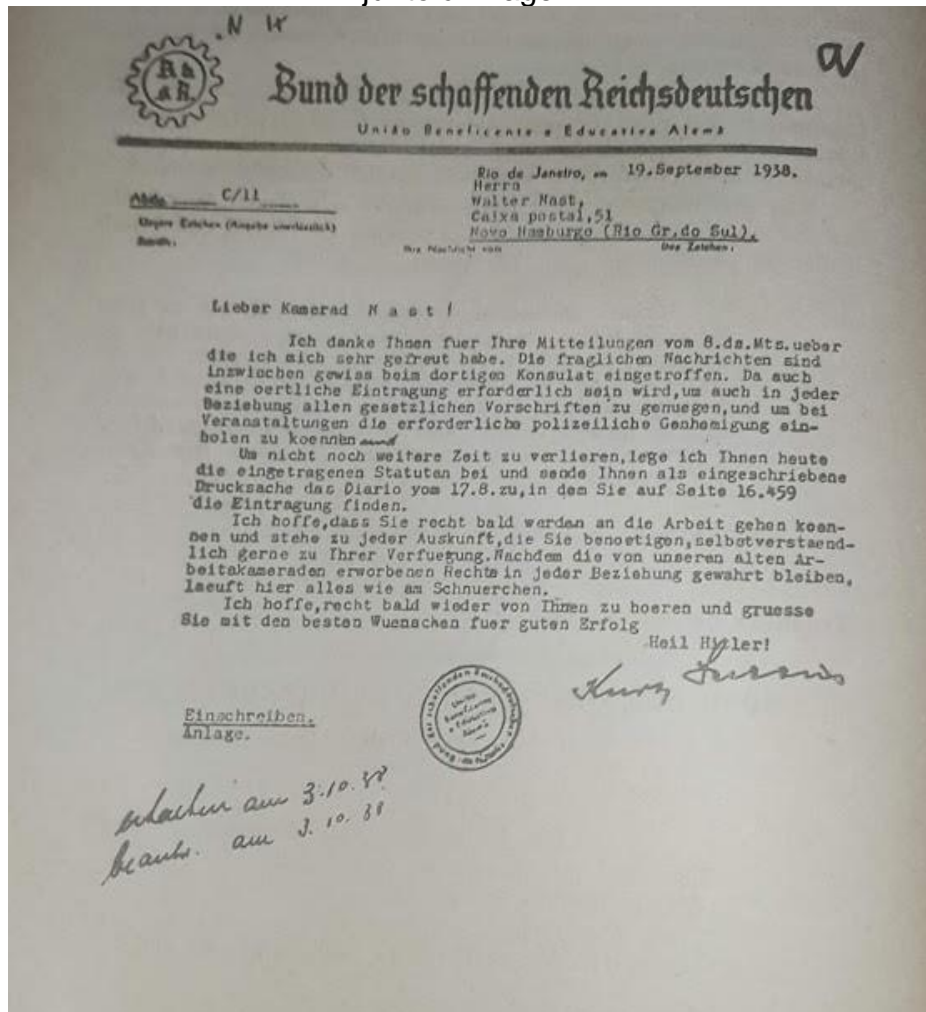
---

<sup>54</sup> Natural de Frankfurt-am-Main, (1891-1962), assumiu o consulado germânico em Porto Alegre na data de 18 de janeiro de 1934, após 8 anos de trabalho na embaixada alemã no Rio de Janeiro. (LUCAS, 2011, p. 118).

<sup>55</sup> BRASIL. DECRETO Nº 389, DE 25 DE ABRIL DE 1938. Regula a nacionalidade brasileira, Rio de Janeiro, abril 1938. Disponível em: < <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-389-25-abril-1938-350776-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 29 out. 2019.

<sup>56</sup> BRASIL. DECRETO Nº 406, DE 04 DE MAIO DE 1938. Dispõe sobre a entrada de estrangeiros no território nacional, Rio de Janeiro, maio 1938. Disponível em: < <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-406-4-maio-1938-348724-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 29 out. 2019.

Imagem 10: A constante preocupação com os atos do governo colocar esses dados junto à imagem



Fonte: Py (1942, p. 134)

A constante preocupação, tanto pelas autoridades locais do NSDAP, em Novo Hamburgo, quando para os representantes consulares no Rio de Janeiro, então capital da República, se intensificou cada vez mais. O atendimento de todas as formalidades burocráticas foi intensamente discutido, sob o propósito de evitar perder tempo com as frivolidades policiais. A plena consciência de priorizar a proteção de todos os membros do *Orstgruppe* local. A ansiedade, para ter logo notícias sobre essa movimentação político-partidária tomou o espaço e o tempo de autoridades como Kurt Steffin, o autor do documento e principal remetente. O mesmo, que assinou a respectiva correspondência, recebida em 3 de outubro de 1938, e respondida, na mesma data, provavelmente por Walter Nast.

A produção historiográfica sobre o papel dessa "unificação nacional da educação", se transformou com o passar do tempo. Aderindo ao que Santos (2012, p. 138-139) interpreta, como o

[...] elemento fundamental que impulsiona nossas investigações sobre o estadonovismo: as escolas eram consideradas ambientes estratégicos para a formação do brasileiro, que viria a ser um homem também novo, um patriota devotado destinado a auxiliar na regeneração social da nação. Por isto, a formação das crianças e jovens recebeu um olhar especial do governo, num projeto com marcas ideológicas arraigadas.

A formação da nacionalidade passou a ser o centro de todos os currículos escolares. A formação cultural em linguística, outrora significativa para a construção de um sentimento, mesmo que inconsciente, de pertencimento, a velha pátria germânica, colapsaria por completo. A formação cívico-moral da infância e juventude brasileiras era o principal propósito com esse movimento nacionalizante, que, ainda para Santos (p. 146), "[...] incorporando até mesmo elementos de militarização, [...]".

### 5.3.2 A eclosão da Segunda Guerra Mundial

A tensão entre os países europeus, desde março de 1938, quando o governo de Hitler reivindicou a região dos Sudetos, pertencentes a Áustria, começaria a ficar muito grande. Situação essa que foi o resultado de uma política externa agressiva desde o final do ano anterior. O isolamento diplomático, que segundo Evans (2011), caracterizou os dois primeiros anos do governo nazista, foram rompidos de modo súbito. A questão do *Ruhr*, e o deslocamento de tropas para essa região desmilitarizada do território germânico, em 1936, elevou a significação desse rompimento com a inércia diplomática.

A posição dos países, que posteriormente, formariam o Pacto do Eixo, em setembro de 1940, determinariam os futuros tempos de guerra na Europa. A Itália, que saíra vitoriosa da Primeira Guerra Mundial, promove uma campanha de colonização no estado africano da Abissínia, onde ainda segundo Evans (2011, p. 814), era " [...] o último grande Estado africano que permanecia não colonizado, na busca do sonho de criar um novo Império Romano, [...]".

Toda essa tensão internacional, que levaria o mundo a guerra, está presente em alguns editoriais do semanário O 5 de Abril de Novo Hamburgo. Uma coluna

intitulada: " *Os efectivos dos exércitos europeus*"<sup>57</sup>, por exemplo, analisou em primeiro plano, o número de tropas, de cada grande exército europeu, apresentando, no seu conteúdo, a seguinte afirmação:

É preciso recordar, sempre, essas cifras a fim de compreender se a situação perigosíssima da Alemanha desarmada no meio de tantas potências fortemente armadas. Necessária no momento em que se tenta apresentar a Alemanha mais uma vez como a perturbadora da paz européa, porque se nega a aderir a um systema de pactos e alianças militares, que abrem praticamente as suas fronteiras a qualquer exército estranho que queira guerrear com seus vizinhos.<sup>58</sup>

Uma realidade bem presente na comunidade hamburguense. As primeiras reflexões sobre a política internacional estavam entre os interesses gerais do município. Uma outra coluna intitulada: "*Para onde marcha o mundo?*"<sup>59</sup>, faz uma análise da situação de todos os grandes países europeus, sob uma perspectiva política e econômica. O que poderia levar a um conflito generalizado. A Alemanha, com seu novo regime, estaria dentro dessa lógica sistêmica, que poderia levar o mundo a guerra.

Sobre os movimentos diplomáticos, da Alemanha e dos outros países europeus, a população hamburguense estava muito bem informada. Mas o ataque generalizado das tropas alemãs em direção ao território polonês, em 1º de setembro de 1939, o evento que deu início a Segunda Guerra Mundial, não recebeu qualquer menção na imprensa local. A proibição, por parte do governo, tornou-se evidente em uma nota publicada, no semanário, e que proibiu a discussão e divulgação de fatos inerentes a guerra que estava acontecendo na Europa.

Porto Alegre, 9 de setembro de 1939. Ilmo. Snr. Prefeito Municipal Novo Hamburgo. Em nome Snr. Secretário Interior, recomendo-vos a adoção das providências que se tornem precisas no sentido de ser proibida toda discussão publica sobre assuntos de guerra, ficando em consequencia vedadas manifestações oraes ou escritas pró ou contra qualquer dos países que estão participando ou venham a participar do conflito recentemente irrompido na Europa, considerando que essa providência editada não só pela neutralidade do Brasil mas também pelo desejo de preservar o socêgo da família Riograndense.<sup>60</sup>

<sup>57</sup> O 5 de Abril, 31 mai. 1935.

<sup>58</sup> Ibidem. (grafia mantida como no original).

<sup>59</sup> O 5 de Abril: 03 ago. 1934.

<sup>60</sup> O 5 de Abril, 15 set. 1939. (grafia mantida como no original)



Uma nota governamental que representou, nitidamente, a censura institucional, praticada pelo governo do estado, pelos dos Interventores federais - que obtinham plena autorização, por meio dos dispositivos jurídicos, e do próprio Poder Executivo federal, de coibir qualquer ato, seja ele político e/ou ideológico que pudesse enaltecer qualquer regime estrangeiro, ou aderindo a Lauerhass Jr. (1986, p. 110), qualquer nacionalismo "intruso", que pudesse ser praticado no país, principalmente as regiões de colonização germânica, desejando afastar de vez, a ameaça nazi-fascista, embora o Integralismo fosse bem vivido e aceito entre a classe política dessas comunidades. Gertz (2013), evidencia a grande simpatia que Novo Hamburgo tinha, por exemplo, por políticos alinhados ao pensamento integralista. Inclusive as eleições para o legislativo municipal, de 1935, proporcionou uma cadeira da Câmara de Vereadores hamburguense a um membro da AIB.

O interessante de se perceber é o quanto a ação de censura do Estado Novo era localizada. Nos veículos de comunicação nas grandes cidades, como São Paulo, Rio de Janeiro, e outras capitais dos estados, nota-se uma presença ativa de editoriais informativos sobre o andar do conflito na Europa, e suas respectivas projeções diplomáticas.

Grandes jornais do país trouxeram como manchete o estado de guerra existente entre as potências beligerantes na Europa. "Teschen foi ocupada por tropas alemãs"<sup>61</sup>, e "Guerra inevitável! A Inglaterra e a França preparam a declaração decisiva ao *Reich*"<sup>62</sup>. Essa realidade demonstra a fragilidade institucional do governo de manter e legitimar o seu nacionalismo, bastante ameaçado em regiões de imigração alemã.

Essa intervenção, nos assuntos políticos, também se ampliou e atingiu questões culturais. Campos (2006), argumenta que a intensificação do controle nacionalista sobre práticas culturais, como em exibição de filmes, deixou de ser acessível ao público, passando a ser realizada de maneira clandestina. Uma prática linguística que era realizada em praças públicas, em festas, durante o serviço militar obrigatório e nos púlpitos nas igrejas, fazia parte do cotidiano dessas comunidades, tornando ainda mais difícil o processo de nacionalização da língua.

Aos poucos, ainda para Campos (p. 269), a língua "[...] adquiriu a conotação não de uma superestrutura, mas da abertura de um campo de luta. Ela foi lugar da

---

<sup>61</sup> Folha de São Paulo: 02 set. 1939.

<sup>62</sup> O Globo: 02 set. 1939.

sedução, da diferença ou da unidade, dos embates de ordem política, social ou cultural". A sua significação e disposição para integrar, ou não, o currículo escolar, partiu de um pressuposto de confronto entre nacionalistas brasileiros e alemães, num campo de disputa bastante acirrado, a educação.

Outros momentos importantes, no conflito, e que não foi sequer mencionado no editorial do seminário hamburguense, como a invasão da Europa Ocidental, em maio de 1940, a ocupação da França, concretizada em junho de 1940, ou ainda o ataque surpresa devastador sobre a então União Soviética, em junho de 1941, não receberam quaisquer menções jornalísticas, por parte da redação de *O 5 de Abril*.

O que se observou na análise dos editoriais impressos, é que, em dado momento, quando o problema da "5ª Coluna no Brasil" foi de algum modo, controlado, as notícias do conflito começaram a ser divulgadas. Colunas como: "*O Brasil na guerra*"<sup>63</sup> e "*A Função da Imprensa em face do Estado de Guerra*"<sup>64</sup>, enaltecem o posicionamento brasileiro no embate contra as Potências do Eixo, sob um contexto político completamente avesso ao primeiro, de inimizade com o nazifascismo europeu.

---

<sup>63</sup> O 5 de Abril: 18 dez. 1942.

<sup>64</sup> Ibidem.

## 6 CONCLUSÃO

Todas as perspectivas teóricas, metodológicas e históricas, utilizadas nessa pesquisa serviram para identificar, com precisão histórica o processo de nazificação da elite hamburguense. Construída a partir de constatações e análise das fontes. Registros fotográficos inseridos, tanto no relatório, redigido por Aurélio da Silva Py, como pelos anúncios, presentes no semanário *O 5 de Abril*, e que possibilitaram a identificação, por comparação de imagens, de algumas autoridades do Executivo municipal. Nomes que até hoje marcam a história da cidade de Novo Hamburgo.

Após uma longa análise de termos e conceitos utilizados nesse campo de estudos históricos, observou-se um nítido atrativo pelas questões de pertencimento e diferenciação étnica, defendidas por tais terminações. Um intenso convívio com as tradições alemãs, e que fizeram parte do imaginário cultural da comunidade hamburguense.

Contudo, com as nítidas diferenças, nos dois processos de nazificação, da Alemanha e de Novo Hamburgo, se tornou o argumento mais sólido nas diferenciações das consequências a médio-longo prazo em suas respectivas regiões. Com um ato mais profundo, na sociedade alemã, a ideologia do movimento nacional-socialista se consolidou mais intensamente nos indivíduos que ela apreciou. Uma política de Estado que alterou, significativamente, as estruturas da sociedade alemã.

No caso específico de Novo Hamburgo, uma dinâmica que tentou motivar a população local, através da língua e da cultura, questões que envolveram uma nacionalidade pangermânica, trazendo à tona uma caracterização própria do que estava acontecendo na Europa.

Discussões e publicidade políticas tornaram a identificação da presença da ideologia nazista no município possíveis, principalmente entre os letrados e industriários da região. Através dos inúmeros contatos, feitos entre a embaixada alemã, no Rio de Janeiro, o consulado regional, em Porto Alegre e as lideranças locais do Partido, percebeu-se, entre 1935 e 1936, as estratégias utilizadas por esses indivíduos para burlar a censura com o projeto de nacionalização da cultura promovido pelo governo, em todas suas esferas.

Esse nacionalismo brasileiro, induzido pelo governo Vargas, foi o modo como as autoridades federais e estaduais enfrentaram o problema da expansão dos

“nacionalismos estrangeiros”, tantas vezes citados nessa pesquisa. Uma perspectiva nacionalizante que tinha como objetivo principal a construção do Brasil por brasileiros, ou seja, outras identidades pseudonacionalista, caracterizadas como estrangeiras, estavam fora do padrão aceitável.

Uma população local extremamente ligada à sua cultura originária. Exemplificado pelos anúncios, tanto de serviços, de profissionais de origem alemã, como as ações do *Ortsgruppe Hamburg* do NSDAP. Eventos sociais, palestras e anúncios das escolas étnicas do município, todos anunciados em alemão. O pertencimento nacional caracterizado pela manutenção de traços comuns, como a língua.

Todavia, mesmo inserido nessa realidade de manutenção de traços identitários, a presença dessa célula do NSDAP em Novo Hamburgo, teve pouca ou nenhuma relevância nas decisões políticas do município. Com apenas um registro oficial de cadeiras ocupadas, no legislativo municipal, em 1935, por um político da AIB, considera-se, pelas evidências apresentadas como apenas um motivador das tradições culturais alemãs.

De ação concreta, o grupo teve de relevante somente os eventos culturais e atos públicos, que são evidenciados pela utilização de bandeiras e estandartes. As fontes indicam algumas discussões políticas, uma grande preocupação com o debate ideológico – discursos que analisam o socialismo russo, mas sob ótica nacional-socialista, por exemplo.

Noites culturais e eventos sociais que tornaram públicas as ações da célula local do movimento nazista. Porém, todas as evidências apontam para um grupo pequeno de associados na região, menos de uma centena. (PY, 1942) Embora o processo de nazificação na Alemanha tivesse cerca de 10% (por cento) dos alemães computados como membros do NSDAP, fora, sem dúvida, um número ínfimo.

Mas, a significação social desses membros, principalmente em Novo Hamburgo, revela quais as intenções do movimento nazista na cidade, algo praticado quase que na clandestinidade, apenas entre apoiadores da causa. Com uma atuação pública mais direcionada a promoção cultural, as discussões e outros eventos, como palestras em escolas, por exemplo, ficariam, pela importância dada a publicidade de suas reuniões – tamanho irrisório dos anúncios dessas discussões, se comparados com as promoções culturais de língua alemã.

Figuras representativas, do ato emancipatório e dos primeiros anos de independência do município, os três ex-prefeitos, juntamente (embora não identificado nas fotografias), como os médicos Guenther Schinke, uma das lideranças locais do Partido nazista, e provavelmente seu pai, Karl Wilhelm Schinke, o único médico formado e atuante no município até sua morte em 1941. Hoje nome de rua do bairro Rondônia em Novo Hamburgo. (KERN, 2015, p. 243)

Juntamente com o fim das atividades do *Ortsgruppe Hamburg* do NSDAP, muitas outras sociedades, escolas e agremiações, que faziam parte da vida e cultura locais passaram por um rigoroso processo de nacionalização. Estruturas internas refeitas, práticas coletivas modificadas e o fim da ideologia nazista em Novo Hamburgo.

Como consequência direta da continua desnacionalização germânica dessas comunidades remanescentes, levam as autoridades do governo a instalarem um verdadeiro "estado de guerra" cultural sobre essas questões. Uma cruzada antinazista, que pretendia atingir o seio da comunidade, tentando mostrar a "situação calamitosa", transformando potenciais inimigos em irmãos nacionais.

Nas escolas a reestruturação foi mais intensa. Nomes alterados, programas de ensino refeitos, inclusão do ensino da língua e história nacionais e o fim dos projetos que poderiam privilegiar um programa de estudos germânico. O fim da separação étnica era a "ordem do dia" para professores e gestores das instituições de ensino hamburguenses.

A eclosão da Segunda Guerra Mundial, em setembro de 1939, alterou de vez, o cotidiano nas rodas de conversa, e eventos culturais, com a plena censura de qualquer discussão sobre o conflito e assuntos dele paralelos, publicando oito dias após o início da guerra, no periódico local uma nota que procurava conciliar as imposições da ditadura do Estado Novo. Uma nota que trazia um desejo de manter: "a paz e a tranquilidade entre vizinhos." Algo que significou o silêncio e o fim da célula do Partido Nazista em Novo Hamburgo.

## FONTES DOCUMENTAIS

- Acervo da Folha de São Paulo; Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/index.do>>. Acesso em 15 out. 2019;
- Acervo Digital do Jornal O Globo; Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/>>. Acesso em 15 out. 2019;
- Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS;
- Arquivo Público de Novo Hamburgo, Novo Hamburgo – RS;
- Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC FGV; Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo>>. Acesso em 02 out. 2019.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 827 p.

ASSMANN, Alice Beatris; KILPP, Cecília; MAZO, Janice Zarpellon. A prática do tiro ao alvo em associações esportivas “alemãs” no Rio Grande do Sul: **um tiro certo na história do esporte gaúcho**. X Salão de Iniciação Científica da PUCRS, 2009, p. 1689-1691.

BEHREND, Martin Herz. **O 5 de Abril**: O primeiro jornal de Novo Hamburgo. Novo Hamburgo, Metrópole Ind. Gráfica, 2002. 188p.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 160 p.

BOBBIO, Norberto; MELLEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Tradução de Carmen C, Varriale et al.; coordenação de revisão: João Ferreira; revisão geral: João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacaís. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. 1330 p.

BRANDT, Cleri Aparecida; MIALHE, Jorge Luís. A educação na Alemanha nazista e seu papel na modulação de ideias e comportamentos. **Historia de la educación – anuário**. Sociedad Argentina de Historia de la Educacion., vol 14, nº 02, Dez./2013. 23 p.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à Internet. 2. ed., rev. e ampl. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. 375 p.

CAMPOS, Cynthia Machado. **A política da língua na era Vargas**: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil. Campinas: Ed. UNICAMP, 2006. 351 p.

ELIAS, Norbert; SCHRÖTER, Michael (Ed.). **Os alemães**: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997. 431 p.

EVANS, Richard J. **A chegada do Terceiro Reich**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010. 669 p.

\_\_\_\_\_ **O Terceiro Reich no poder**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011. 1023 p.

FAUSTO, Boris. **O pensamento nacionalista autoritário**: (1920-1940). Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001. 81 p.

\_\_\_\_\_ **História do Brasil**. 12. ed. São Paulo: Edusp, 2006. 664 p.

FEIJÓ, Ricardo Luís Chaves. Uma interpretação do Primeiro Milagre econômico alemão (1933-1944). **Revista de Economia Política**. São Paulo, vol. 29, nº 2 (114), p. 245-266, abril-junho/2009.

GELLATELY, Robert. **Apoiando Hitler**: consentimento e coerção na Alemanha nazista. Rio de Janeiro: Record, 2011. 517 p.

GERTZ, René. Nazismo tropical. In: FIGUEIREDO, Luciano. (org.) **História do Brasil para ocupados**: os mais importantes historiadores apresentam de um jeito original os episódios decisivos e os personagens fascinantes que fizeram o nosso país. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013. p. 128-130.

\_\_\_\_\_ **O perigo alemão**. Porto Alegre: UFRGS, 1991. 87 p.

\_\_\_\_\_ **O fascismo no sul do Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. 205 p.

GRÜTZMANN, Imgart. NSDAP-Ortsgruppe Porto Alegre, comemorações do 1º de Maio (1933-1937), participantes. **História Unisinos**. São Leopoldo, vol. 22, nº 2, mai./ago., 2018. p. 274-289.

HITLER, Adolf. **Minha luta**. São Paulo: Moraes, 1983. 426 p.

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos extremos**: o breve século XX, 1914-1991. 2ª ed, 57ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 598 p.

\_\_\_\_\_ **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. 230 p.

KARNAL, Leandro. *et al.* **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2017. 288 p.

KERSHAW, Ian. **Hitler**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 1077 p.

KERN, Paulo Henrique. **Ruas & praças Novo Hamburgo**: quem é quem. 4. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2015. 614 p.

LAUERHASS JÚNIOR, Ludwig. **Getúlio Vargas e o triunfo do nacionalismo brasileiro**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986. 182 p.

LUCAS, Taís Campelo. **Nazismo d'além mar: conflitos e esquecimento (Rio Grande do Sul, Brasil)**. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, Porto Alegre, p. 226, 2011.

MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl De. **Pangermanismo e nazismo**: a trajetória alemã rumo ao Brasil. Campinas: UNICAMP, 1998. 258 p.

NAPOLITANO, Marcos. **História do Brasil república**: da queda da Monarquia ao fim do Estado Novo. São Paulo: Contexto, 2018. 174 p.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy. **Assembleia legislativa do Rio Grande do Sul**: a trajetória do parlamento gaúcho. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 1992. 137 p.

PETRY, Leopoldo. **Novo Hamburgo**: O florescente município do Vale dos Sinos. 4. ed. São Leopoldo: Rotermond, 1963. 156 p.



PY, Aurélio da Silva. **A 5 coluna no Brasil: A conspiração nazi no Rio Grande do Sul**. 1. ed. Porto Alegre: Globo, 1942. 406 p.

\_\_\_\_\_ **O nazismo no Rio Grande do Sul: relatório**. [s.L.]: [s.N.], 1940. 488 p.

QUITZAU, Evelise Amgarten. "A ginástica alemã": **aspectos da obra de Friedrich Ludwig Jahn**. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, vol. 36, nº 2, supl., p. 501-514, abr./jun. 2014.

RAMBO, Arthur Blasio. Nacionalidade e cidadania. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira. (org.) **Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história**. Canoas: Ulbra, 1994. p. 43-53.

SANTOS, Ademir Valdir dos. Educação e fascismo no Brasil: **a formação escolar da infância e o Estado Novo (1937-1945)**. Revista Portuguesa de Educação. Braga - PT, vol. 25 nº 1, p. 137-163, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Maria Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 694 p.

SEYFERTH, Giralda. **A dimensão cultural da Imigração**. RBCS, São Paulo, Vol. 26 nº 77, Outubro /2011.

\_\_\_\_\_ **Colonização, imigração e a questão racial no Brasil**. REVISTA USP, São Paulo, nº.53, p. 117-149, março/maio 2002.

\_\_\_\_\_ **Assimilação dos Imigrantes como questão nacional**. MANA, Rio de Janeiro, vol. 3, nº 1, p. 95-131, 1997.

\_\_\_\_\_ Identidade étnica, assimilação e cidadania: **a imigração brasileira e o Estado Brasileiro**. Trabalho apresentado no XVII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 22-25 de outubro/1993. 24 p.

\_\_\_\_\_ **Nacionalismo e identidade étnica: Ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do vale do Itajaí**. 1. ed. Florianópolis: FCC, 1982. 223 p.

SOUZA, J. P. Coelho De. **Denúncia: o nazismo nas escolas do Rio Grande**. Porto Alegre: Thurmman, 1941. 118 p.